

Coitado do Paulino!...



Não concordando com as calças compridas do Paulino — porque todos usavam calças curtas — a rapariga arrastou para elle e alli fez um "sururu".



Dado a pouco o resultado foi este: o Paulino acabou sem calça — nem comprida, nem curta!

O ultimo "coupon" do Concurso "Bocca Larga"

ENCERRA-SE DEPOIS DE AMANHÃ O PRAZO PARA O RECEBIMENTO DE PHRASES AO CONCURSO

Oito bicycletas inglezas a premio

O "coupon" que os nossos leitores vêem nesta pagina é o ultimo que publicamos no presente concurso. Dia 30, isto é, depois de amanhã, encerra-se o prazo para o recebimento de phrases a esta prova celebre pelo entusiasmo e movimento que provocou.

Mais uma vez, assim, repetimos as condições desse facilimo concurso em troca do qual a "Gazeta Infantil" offerece aos seus leitores a op-

portunidade para obter, inteiramente gratis, oito bicycletas inglezas.

Leia-as ou releia-as, amigo leitor, e componha em seguida a sua phrase e envie-a á "Gazeta" (Concurso Bocca Larga), porque, na certeza, vencerá. Si fôr sorteado, vencerá!

Tenha em mente que a disputa se fará nada menos que em torno de

Oito bicycletas inglezas "Steel Horse"

oito bicycletas para menino, menina, moço e moça — as mesmas oito bicycletas que estiveram expostas na Casa Luiz Caloi, á rua Barão de Itapetininga, 28 e que todos viram, depois, na entrada do Broadway, quando alli se exhibia o film de Joe Brown, "Pedalando com gosto", que deu origem a este concurso.

E pense ainda: que nunca houve concurso tão simples e facil para se ganhar premios tão valiosos.

CONDIÇÕES

1 — O concurso consistirá do seguinte: Incluindo as palavras que damos a seguir, o concorrente deverá formar uma phrase interessante e em correcto portuguez. São estas palavras-base:

**GAZETINHA — PEDALANDO COM GOSTO —
JOE BROWN — BOCCA LARGA — CINE BROAD-
WAY — CINE LUX — WARNER FIRST.**

Claro que se permite o uso de vocabulos intermediarios.

2 — As phrases classificadas como as mais interessantes e correctas entrarão em sorteio pu-

blico, na redacção da "Gazeta", em dia e hora que serão marcados com a devida antecedencia.

3 — O concurso será encerrado dia 30 deste mez.

4 — Toda a phrase deve vir acompanhada do "coupon" que se acha nesta pagina.

5 — Os concorrentes assignarão a sua phrase, dando o seu endereço.

6 — No envelope deverá ser escripto bem claro: "Concurso Bocca Larga", Redacção da "Gazeta".

7 — Antes do sorteio, a "Gazetinha" publicará a relação de nomes dos concorrentes que apresentaram as melhores phrases e que entrarão em sorteio para a conquista das 8 bicycletas.

8 — As bicycletas são da marca ingleza "Steel-Horse", da Casa Luiz Caloi, rua Barão de Itapetininga, 28.

"GAZETA INFANTIL"
COUPON DO
Concurso Bocca Larga

A Liga da Reforma

Quando Ignez Dare fez sua inesperada aparição na escola, no anno passado, puzeram-n'a no quarto grau C, que é um grau modelo, modestia aparte. Dois dias antes de sua chegada, a directora nos preveniu, referindo-se a Ignez:



— E' a primeira vez que entrará numa escola; assim, espero que vocês se encarreguem de tornar-lhe agradável a sua permanencia aqui.

Quando a directora se retirou, Margarida deu-nos mais informações sobre Ignez. Era uma orphã, com dois irmãos, um delles joven medico que vivia nas immediações da escola; o outro, Alarico Dale, tinha um "yate" de sua propriedade, que passava a vida dando voltas ao mundo, em companhia de dois marinheiros, Ignez e uma velha criada. Acabava de decidir que Ignez já era demasiado grande para passar a vida subindo pelas sogas como um macaco e então mandou-a a viver com o outro irmão, o doutor João.

Esperamos com ansia conhecê-la, mas tivemos a surpresa de encontrar-nos com uma criatura de aspecto fragil, pallida e com duas tranças ridiculas. O primeiro dia pouco falou. Depois de duas horas de ter dito seu nome, disse á menina que tinha ao lado:

— As janellas da classe parecem guilhotinas. A classe tinha seis janellas, altas e estreitas, e, effectivamente, eram do systema denominado de guilhotina; a não ser quando fizesse muito calor, não nos permittiam abrir mais que um pouquinho a parte inferior.

Na manhã seguinte voltou á classe, mas sem livros.

— Onde está seu exercicio de francez? — perguntou-lhe a professora.

— E onde está sua composição? — inquiriu a professora de literatura.

— Como não trouxe iniciado seu trabalho? — indagou a professora de costura.

— Não o fiz — foi a invariavel resposta de Ignez.

— Para que julgará ter vindo á escola? — perguntávamos entre nós.

E lamentamos ter que dizer que as tres primeiras semanas de classe correram da mesma fórma, não destoando desde o principio. Ao contrario, até foram peóres.

Um dia estávamos na classe de gymnastica, formadas em fila dupla, encontrando-se Ignez e sua companheira logo atras das primeiras, que apresentavam duas formosas tranças cada uma. Ignez não encontrou nada melhor que atal-as por um fio, sem que ninguem o notasse. Logo a professora ordenou:

— A fila da esquerda que marche para a esquerda. A da direita, que vá para a direita!

As meninas começaram a andar. Pelo menos, trataram de fazel-o; mas o puxão do cabello foi tão forte que as obrigou a lançar gritos agudos, ao mesmo tempo que rolavam pelo chão. Muitas foram as que as seguiram antes que a professora tivesse tempo de gritar:

— Alto!

Era preciso tomar uma medida. Mas, antes succedeu outra cousa.

Um dia Ignez entrou sozinha e tirando uma cinta azul do cesto de trabalho de Dafne, amarrou-a á cabeça do busto de marmore de Julio Cesar e depois, utilizando-se de umas tintas, pintou de azul os olhos da estatueta. Quando entrámos na sala, todas nós vimos o espectáculo. O peór do caso foi que nesse momento chegou um inspector e tambem o viu. O inspector não podia ter se indignado mais si Julio Cesar tivesse sido seu irmão preferido. Immediatamente as professoras organizaram um conselho e finalmente nos propuzeram que formássemos uma liga para corrigir a

Ignez. Aprovámos calorosamente a proposta e nesse mesmo dia se formou a sociedade, denominada Liga para Reformar a Ignez, e as socias levavam um cartão de cores variadas, com as letras L. R. I. em grandes caracteres. A liga dividiu-se em cinco grupos de tres meninas cada um: azul, vermelho, amarello, purpura e verde, de accordo com as cores dos cartões. Cada grupo se faria responsavel pela conducta de Ignez por um dia e, assim, vigiando-a continuamente, a obrigaríamos a entrar no caminho. Depois de pouco tempo mudou tanto que não pudemos deixar de principiar a pensar no que diria seu irmão Alarico quando a encontrasse transformada numa menina educada e obediente. Sheila pensou que até se mostraria muito agradecido.

— E talvez até nos faça algum presente — acrescentou.

— Bem, si não nos pôde fazer um presente a cada uma, pelo menos poderá obsequiar a socia mais efficiente do grupo que mais trabalhe.

Isso era mais possivel. Foi por isso que ninguem dos grupos quiz admittir em seu selo a Hilda, uma menina que sempre andava com estola de pelle preta no pescoço e que havíamos decidido fazer desaparecer, cousa que, com effeito, succedeu.

Ignez descobriu logo que Hilda não pertencia a nenhum dos grupos. A's suas perguntas respondíamos com a maior diplomacia possivel.

— Hilda não pôde pertencer á liga — dissemos-lhe. — Tu' mesma verificarás que não é uma menina como nós.

E uma semana depois Hilda e Ignez eram as melhores amigas da escola. Ficámos ciumentas; depois de tudo o que havíamos feito, era uma ingratição que preferisse a Hilda. De todos os modos, pensamos que quando voltasse o senhor Alarico comprehendesse que nós havíamos feito muito em beneficio de Ignez, ao passo que Hilda nada fizera.

E assim passou o anno. Dois dias antes do fim do periodo, o senhor Alarico enviou um telegramma dizendo que regressava de sua viagem nessa mesma tarde.

Havíamos ficado sozinhas na aula, estudando para os exames; Hilda não estava na classe; encontrava-se na bibliotheca

De repente, Ignez, que estava junto a uma das janellas, gritou:

— Olhem allí! Um gatinho! Pobrezinho, está no tecto! Não pôde descer!

— Onde está o gatinho? — perguntámos.

— Allí! Parece que se meteu num cano e não pôde sahir — respondeu Ignez com accento lastimoso.

E acrescentou logo:

— Vou buscal-o!

Apesar de intentarmos impedi-la, subiu á janella, sahiu á parte externa e estendeu a mão para o cano... E quando Ignez alcançou o seu objectivo... retirou a estola de pelle de Hilda, ao envez de um gatinho, como julgava!

Foi um momento doloroso. A agitação experimentada para salvar o gatinho desapareceu, invadindo-nos um sentimento de culpabilidade e temor.

— Volte já, Ignez! — gritou Branca. — Não devias ter feito isso!

— Será melhor que me agarrem pelo vestido, para ajudar-me a descer — respondeu com voz serena, ainda que indubitavelmente se encontrasse assustada. — E' mais facil sahir que entrar.

Todas nós extendemos os braços, mas antes de apanhal-a ouvimos um ruído horrivel.

— Oh! Matou-se! Matou-se! — lamentou-se Dora.

Quando nos atrevemos a abrir os olhos, verificámos que a horrivel "guilhotina" se fechára violentamente. Devido ao pouco uso, as cordas se haviam partido. Mas, Ignez mantinha-se em seu perigoso posto. Que succederia, caso as forças a abandonassem?

— Abram logo a janella! — exclamou, sem tratar de dissimular seu espanto. — Prompto, que não posso aguentar-me mais!

Todas nós puzemos mãos á obra; mas a janella não subia. Creio que perdemos um pouco a cabeça; algumas meninas principiaram a chorar. Outras correram á procura da directora e do porteiro. Quanto ao resto, ficou á espera.

— Pódes ir até outra janella? — perguntou uma.

— Não, não posso! — respondeu Ignez. — Que horas são? Alarico e João disseram que viriam buscar-me ás quatro... Falta muito? Elles abrirão a janella...



— São quatro menos um quarto! — respondemos, com desalento.

As outras meninas voltaram sem encontrar nem a directora nem o porteiro.

(Continua na pag. 12)

QUEBRA CABEÇAS



DICIONARIOS:
 Candido Figueiredo — Séguier — Simões da
 Fonseca — Calepino Charadístico.

K. D. T.

AS APURAÇÕES PODERÃO SER CON-
 TESTADAS OU CONSTATADAS PES-
 SOALMENTE EM NOSSA REDACÇÃO

TORNEIO CHARADÍSTICO "ESCO-
 TEIRO"

ANTIGA 32

Encontrei certo sujeito.
 Que, soffrendo de "arrieira". — 1
 Se queixava a vida inteira
 De fortes dores no peito.

Recetel-lhe uma pomada.
 P'ra cural-o desse mal.
 Mas o "inigrato", o animal, — 2
 Em resposta malcreada

Foi de tal forma insolente
 Que eu enquei-me, "prudente".
Escoteiro.

NOVISSIMAS 33-34

1-2 — Causa "pietade" a "pessoa" que
 não tem saúde". — *Demetrio Carneiro*
Leão.

1-1-1 — Quando ouvi a "nota" "da mu-
 sica", senti "animao" de revér a "Capital".
 — *Demetrio Carneiro Leão.*

ENIGMA TYPOGRAPHICO 35

REI TO TO REI

Escoteiro

NOVISSIMA 36

3-4 — A "braga" é um insecto damni-
 nho e o pee "de Donato" combate-a "com
 dezanove". — *Gerdo e Negro.*

SEMCOPIADA 37
 (Ao Invente F. R. R. K.)

3-2.
 Amigo aceite a charada
 que hoje te venho offerter
 perto do "peso indiano"
 Vaa a "medida" encontrar.
Pinto Brava (Santos)

NOVISSIMAS 38-39

1-2 — A beira do "rio", no dia "pre-
 fizo" será inaugurada a "galeria" de
 aço. — *Gerdo e Negro.*

1-2 — Ao pé da "planta" casa "mu-
 lhar" poa e "ornamento". — *Gerdo e*
Negro.

ENIGMA 40
 (Ao santista Atual Reis)

Não tenho engenho precioso
 para enigma ou charada
 Difficilmente consigo
 Arranjar-te esta massada.

Tem meu todo só tres syllabas,
 Com cinco letras, não mais;
 Segunda e quarta consoantes
 E as tres restantes vogaes.

Differentes as consoantes,
 Eguas as vogaes, o são,
 Vejo que desta maneira
 Terás logo a solução.

Procura com calma e tme
 Facates e sangue frio.
 O todo é uma "cidade"
 E também pôde ser "rio".
Pinto Brava (Santos)

NOVISSIMAS 41-42
 (Ao D'Artagnan)

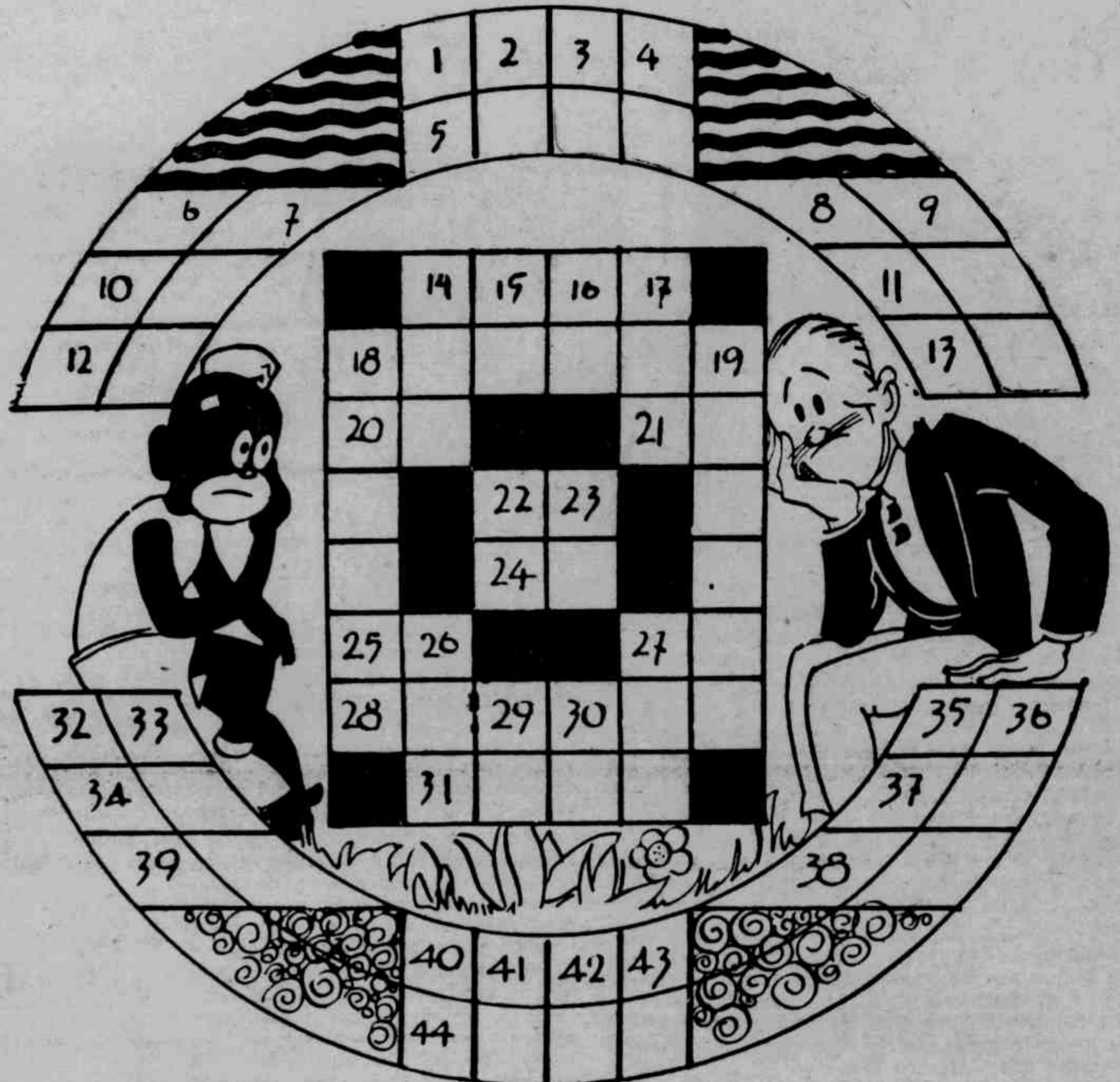
2-3 - ... "por" isso direi que a "palavra"
 do réo não deve ser ouvida durante a
 "accusação". — *Rio Rita.*

3-1 — Porque "faz mal" o indio em
 não reconhecer seu filho, nem ter "pena"
 do ente "rachitico" recém-nascido? —
Rio Rita.

ENIGMA 43
 (Para D'Artagnan)

Alternadas as tres primas,
 Vogal no meio, attenção:
 Uma media da Africa,
 Eis a simples solução!
Pinto Brava (Santos)

5.º TORNEIO DAS PALAVRAS CRUZADAS



N.º 4

HORIZONTAL

1 — Cruel; 5 — Rio da Armenia, affl.
 do Keur; 6 — ... rei; 8 — Privação;
 10 — Contração; 11 — Uma das gam-
 mas; 12 — Nota invertida; 13 — Artigo
 hespanhol; 14 — Rio do Amazonas; 18
 — Vela pequena de embarcação; 20 —
 Antes de Christo; 21 — Carta de jogar;
 22 — Mulher ruim; 24 — Seguir; 25 —
 Flexão de pronome; 27 — Symbolo chi-
 mico do argonio; 28 — Provisões de
 guerra e boca; 31 — Cão de fila; 32 —
 Contração; 34 — Foi; 35 — Rio de Mar-
 rocos; 37 — Andar; 38 — Póde ser o
 povo; 39 — Contração do artigo; 40 —
 Hosto do sapato; 44 — Içar.

VERTICAL

1 — Nota musical; 2 — Criminosa ao
 contrario; 3 — Deusa egypcia; 4 — Ar-
 tigo; 6 — Rio do Peru; 7 — Toca; 9 —
 Unidade das medidas agrarias; 9 —
 O mesmo que lindo; 14 — Rio da Rus-
 sia; 15 — Não; 16 — Letra; 17 — Plan-
 ta do Brasil; 18 — Azebre; 19 — Genero
 de Peixes; 22 — Mim; 23 — Gesto; 26
 — Tumulo; 27 — Estalajadeiro; 29 —
 Pronome; 30 — Acola; 32 — Deusa; 33
 — Ensejo; 35 — Rio do Marrocos; 36 —
 Verbo Ingles; 40 — Instrumento; 41 —
 Outra cousa; 42 — Nota; 43 — Appa-
 rencia.

SOLUÇÃO DAS PALAVRAS CRUZADAS N. 1

CIRCUMFERENCIAL

1 — Palhaçada; 8 — Cysne; 13 —
 Ephod; 14 — Aarau; 15 — Va; 16 —
 Fa; 17 — In; 18 — N L; 19 — Is; 20
 — Lama; 21 — De; 22 — Do; 23 — Ur.

VERTICAL

1 — Pevide; 2 — Apaso; 3 — L H;
 4 — Hot; 5 — Adam; 6 — Asurim; 7 —
 Ayulata; 8 — Calm; 9 — Yanaon; 10
 — Ar; 11 — Nandui; 12 — Euber.

FINALISTAS DO PROBLEMA N. 1:

— Radamés Settineri, Miguel Casella,
 Ernesto Amadei, Eduardo Della Nina,
 Orlando Alberico, Wanda Settineri, Dir-
 ceo Alberico, Dircés Socrates Amorim
 (Rio), Zairo G. Vieira (Santos), Ancião,
 Paquito, Carminha, Mr. Frank, Jair Cos-
 ta Valente (Bragança), Fernando Varela
 Carvalho, Francisca Varela Medina, José
 Gedanken Paco, Martha Zamith, Maria
 V. Oliveira, Escoteiro, Walter dos San-
 tos, Edwiges dos Santos, Rosina, João De
 Luca, Marijopi (Rio Claro) e Falsão Dou-
 rado (Rio de Janeiro).

SOLUÇÃO DAS "PALAVRAS CRUZADAS" N. 2

HORIZONTALS

2 — Tiu; 4 — Nugas; 6 — Patadas;
 8 — Revi; 9 — Amen; 11 — Corés; 12
 — Iotas; 14 — Póla; 15 — Obas; 16
 — Rafas; 19 — Truão; 21 — Ohra; 22
 — Raro; 23 — Auréola; 25 — Adipe;
 26 — Ora.

VERTICAES

1 — Miga; 2 — Tutia; 3 — Uadal; 4
 — Nave; 5 — Samo; 6 — Peralba; 7
 — Setoura; (Setoira); 8 — Rolão; 10 —
 Nabão; 11 — Cor; 13 — São; 17 — Aruá;
 18 — Sardo; 19 — Tropa; 20 — Rale;
 24 — Eiró.

FINALISTAS DO PROBLEMA N. 2

— Ancião, Ernesto Amadei, Eduardo Del-
 la Nina, Dirce Alberico, Haydée Settine-
 ri, Miguel Casella, Orlando Alberico, Wan-
 da Settineri, Radamés Settineri, Escoteiro,
 Fernando T. Carvalho, Mathilde
 Varela Medina, Adhemar dos Santos,
 Edwiges dos Santos, Walter dos Santos,
 João De Luca, Paco, Ikeda (Santos),
 João da Praia (Santos), Jair Costa Va-
 lente (Bragança), Rosina, Mr. Frank,
 Carminha, Zairo Eira G. Vieira (Santos),
 Paquito, Marijopi (Rio Claro), Theresi-
 nha Vellardi, Annita Vellardi e Dircés
 Socrates de Amorim (Rio de Janeiro).

Problema n. 3: — Foi aceita a solu-
 ção enviada por "Ancião".

Antonio A. Villela Sobrinho (Santos) —
 Deve ter havido estravio — Vamos en-
 viar-lhe um novo exemplar.

Concurso das Balas "Atlante"

Ouçam diariamente o programma
 Horas Lusitanas, irradiado pela
 Radio Cosmos, das 18 ás 18 e 1/2,
 para saber o que é este grandioso
 e inedito concurso.

O CONCURSO SEMANAL da Carta Enigmatica (Belmonte)

A NOVA CARTA DA SEMANA — OS PREMIOS

E **Q** - **b** - **e** - **u** **Ê** -

CÔ - **l** **D.** **Eu** **10** **ê** **Qi** - **c** + **e**

á - **ac** **SO** **GO** - **r** **10** **ta** **TR** + **a.**

 - **n** **C** **quin** **T,** **, sob** **A** **D** **1**

 - **e** **SO** **6-s** **AA** **ET** **lin**

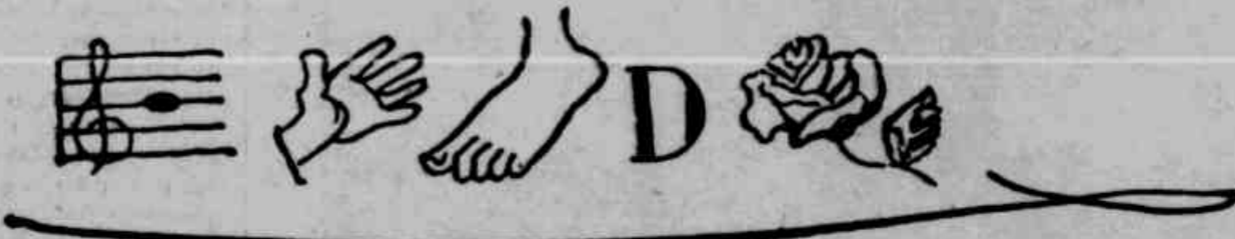
d **TR** + **a.** **A** **vida** - **c** **10** **a**

SU - **o** **E** **É** **IM** **vel** **A** - **n** + **g**

T - **r** **C** **na** **Q** **r** **D** **da** - **a** + **o** **nia** **G** - **o.**

RC **ba** **1** **a** **A** **go** **e** **CÔ**

**CONCURSO SEMANAL
COUPON N. 26**



As nossas cartas enigmáticas são educativas. Todas as crianças devem procurar interpretá-las, porque ellas constituem um exercicio de primeira ordem: educam, divertem, tornam o raciocinio atilado e avivam a intelligencia. No inicio, quando inauguramos os concursos das cartas enigmáticas, os nossos jovens leitores encontravam grandes difficuldades na interpretação. Hoje, nada disso se passa. Os nossos traductores estão familiarizados com as mesmas e fa-

sem a interpretação num instante. E' que se tornaram solertes e num golpe de vista apanham os significados das imagens e vão traduzindo correntemente. Depende tudo de habito.

Si o joven leitor não se acostumou á decifração das imagens, tente mais uma vez, que verá o resultado. E' preciso um pouco de boa vontade. Sem esforço nada se consegue.

A NOVA CARTA DA SEMANA E OS PREMIOS

Publicamos hoje a carta n. 26, que corresponde á semana que corre. O prazo para a entrega das soluções vae até a proxima sexta-feira, dia 5.

Para o 1. lugar, o premio é de 100\$000; para o 2.o, de 50\$000; e para os outros 30 classificados no sorteio, livros interessantissimos.

Todos os nossos leitores devem traduzir as cartas enigmáticas da "GAZETINHA". Essas cartas divertem, instruem, esclarecem a intelligencia e tornam rapido o raciocinio



OS ARTISTAS QUE RE-PRIMAVERA EM S. PAULO GRESSAM...

Therézinha Machado Carvalho — Depois de uma longa ausência que encheu de saudades os nossos ouvintes, acaba de voltar, de suas férias passadas na "Fazenda", a nossa gentil e vibrante declamadora Therézinha. Apesar de suas travessuras, Therézinha não perdeu nenhum kilo... e parece que ainda está mais "gorduchinha". Ella, talvez, no proximo domingo, já figure no programma de Pequenoopólis, para satisfação dos seus admiradores. "Feliz regresso", Therézinha!

Odette Gonçalves, a portuguezinha — Se acha completamente restabelecida e "descansada" do Carnaval, a nossa apreciada artistazinha, cuja presença vem sendo constantemente reclamada pelos ouvintes dos programmas de Pequenoopólis. Odette também vai tomar parte no programma do proximo domingo, alegrando com a sua graça a Hora Infantil. Parabens á Portuguezinha, e votos de saude!

PRIMAVERA EM S. PAULO

(Letra de Mary Buarque — Parodiando "Primavera no Rio")

S. Paulo amanheceu cantando,
Toda a cidade é uma "canção de amor"!
E a terra, em flores vai desabrochando,
Porque a "Paulicéa" é a "Primavera"
[em "Lôr"]!

S. Paulo!
Linda terra de heroes!
Trazes n'alma arreboés
E fulgores de gloria!

S. Paulo!
Pelos tuos canções,
Falamos as tradições
Mais bellas da "Historia"!

S. Paulo!
Das manhãs perfumadas,
Noites enfeitadas
Pela tua "garóa".

S. Paulo!
O' cidade gigante!
De um povo bandeirante
E's a Terra tão boa!
(Do repertorio de Maria Lucia).

Maria Lucia Ferrari

Esta figurinha tão graciosa que hoje apresentamos aos nossos leitores e ouvintes é mais uma das muitas violeirinhas que cantam e encantam aos domingos os amigos da "Hora Infantil de Pequenoopólis". Mais uma violeira, do "afamado grupo" de Mary Buarque!

E como a nossa Maria Lucia soube conquistar depressa a sympathia e a admiração dos nossos ouvintes! Pudéra! Possue, apesar dos seus 9 annos, uma vozinha tão meiga, afinadinha e expressiva e toca violão como "gente grande"! Mas, a Maria Lucia não podia deixar de ser assim... uma artistazinha que desabrocha bem cedo...

Sobriinha e afinadinha querida do saudoso e inesquecível Arthur de Cerqueira Mendes, o amigo e animador de todos os artistas, ella vai realizando o ideal do carinhoso titio, que tanto desejava para essa creança, na qual presentia desde os primeiros annos, um temperamentozinho artistico, uma carreira gloriosa!

Maria Lucia é viva, desembaraçada, sempre disposta a cantar, muito amavel e educadinha, fazendo questão absoluta de figurar sempre nos programmas de Pequenoopólis. Os seus numeros de maior successo: "O rapazito é novo", canção portugueza; "Lôco-tôco", embolada; "Quando as frô pega a nascê", toada; "Ciganinha", marchinha do Carnaval; e, "Primavera em S. Paulo", parodia.

Maria Lucia também declama com muita graça e expressão, principalmente as poesias paulistas como "O lenço do heroe" de Lydia Camara.



Condecorados...



Os irmãos gêmeos Carezzatto, da nossa Hora Infantil e que tanto successo vêm alcançando. Ah! estão elles satisfeitos com a medalha de ouro que venceram no nosso concurso. A medalha é, também, omeça...

MEXERICOS DE PEQUENOOPOLIS

— Porque seria que os "Infallíveis Carezzatto" não deram o "arzinho" de sua graça e de sua musica no ultimo domingo?

— Nhô Quim recitou de um modo "admiravel", no domingo passado. Naturalmente, para "desacatar" a declamadora do Rio de Janeiro Paulistinha decidido o Nhô Quim!

— Onde andará a Portuguezinha Odette, que sumiu desde o Carnaval? Depois que se apresentou vestida de "garotinho", para dançar a quadrilha, pensou que devia ser ainda mais travessa!

— O "american boy" Mario Costa não tem apparecido mais com as suas typicas canções e o inseparavel cavaquinho... Que teria acontecido? Estará com preguiça ou tem preferido um "programmazinho de cinema" para variar?

— A' hora da distribuição das balas, ha muita "gente matreira" que arranja um gelinho de receber duas vezes... Si não tomarem cuidado, contarei os nomes... Quasi contei hoje...

— Porque será que todos os ouvintes "reclamam" quando a Cléo e a Neyde não apparecem nos programmas?

— Marina Rebouças esteve "um numero" no domingo passado, com a sua "canção bahiana". Foi até bis-

da! Felizmente, ella não é uma dessas "moreninhas convencidas". Custa para apparecer, mas quando dá o ar de sua graça faz successo!

CORRESPONDENCIA

Carmita — A Marina Rebouças agradece os parabens e o abraço pela "Canção Bahiana".

Judith e Inah Carvalho — A parodia "Primavera em São Paulo", da autoria de Mary Buarque, vem publicada hoje, nesta pagina.

Carlequina — A "Primavera em S. Paulo" foi muito bem cantada por uma paulistinha? Você gostou mesmo? Como é amavel! A Zelinha, brevemente, vai cantar "Primavera no Rio".

Carlito — Adora a poesia "Domingo de Foot-Ball", declamada pelo "Nhô Quim"? Não é só você — todos os "torcedores". E elle diz muito bem a poesia, porque é também um "terrivel torcedor"!

Amiguinha da Ledinha Gabrielli — Ella não tem apparecido, porque tem estado doentinha. Mas, felizmente, logo a teremos de novo nos programmas.

Ruth Camargo — Não temos apresentado muitos numeros de piano, porque as pianistas só agora, depois do Carnaval, é que recommencaram seus estudos! Andaram numa vadiação... Assim nos têm contado as professoras de piano...

O rei de genio ruim

O rei de Dugaroo, que era baixo, gordinho, de cabellos sempre emaranhados e um genio endiabrado que enlouquecia todos os que o rodeavam, entrou certa manhã na camara do thesouro de seu palacio. A rainha quebrava o jejum, em suas habitações, e, tremendo, accetava o chocolate e as torradas com manteiga e mel que lhe apresentavam suas camareiras.



Era uma maravilhosa manhã de verão, suave e fragrante como um ramalhete de flores, e, no entanto, por todo o palacio se estendia uma atmospheria carregada de electricidade que annunciava o proximo estalido de alguma terrivel tormenta, devido ao mau humor do rei. Sentado sobre o alto tamborete de madeira, rosnavia qual pequeno "bull-dog" enfurecido, enquanto empilhava as moedas de outro sobre a mesa, contando-as:

— Dois mil... Dois mil e vinte... Dois mil trinta e oito...

Haverá agora, naturalmente, quem pergunte como era possivel que o rei se occupasse destas cousas como um vulgar thesoureiro, quando na realidade entravam nas obrigações do lord-theoureiro. A verdade era que nessa mesma manhã o rei, sem outra desculpa que seu mau genio, puxára das orelhas do muito respeitavel thesoureiro, ordenando-lhe que desaparecesse, não tornasse a apresentar-se aos seus olhos.

Tantas vezes fizera o mesmo sem ser obedecido! Mas succedeu que nessa manhã o thesoureiro girou sobre seus calcanhares, desaparecendo da vista do rei com toda a rapidez que lhe permittiam suas pernas. Então, o rei gritára, raivoso:

— Sim, sim, vá! Pela falta que fazes... O julgarás acaso que tambem não sei contar qualquer quantia em dinheiro?

E' preciso dizer, porém, que o rei Dugaroo era tão pouco versado em arithmetica que ao chegar a contar mais de cem, invariavelmente se confundia de maneira lamentavel...

Como era de se esperar, o incidente produziu grande revolução no palacio. Mas, na corte de Sua Magestade, vivia-se num constante temor por suas arrebatadas, tendo-se costume do seus subditos a não respirar nunca com inteira liberdade. Isto porque era assim como procedia diariamente.

Ao sentar-se á mesa, em companhia de sua joven e bella esposa, começava immediatamente a examinar com olhar torvo os esquisitos manjares que se amontoavam deante d'elle e vociferava:

— Que venha o mordomo! Que venha o cozinheiro!

E todos, pressurosos, appareciam, enquanto o rei gritava, iracundo:

— A torta de laranja tem gosto de cebolas! O café está amargo como o fé! Os biscoitos sabem a terra! Que vocês estiveram fazendo na cozinha, toda a manhã? Desde as cinco horas estão trabalhando na cozinha, e

nada presta! Vocês são uns imprestaveis!... Pódem ir embóra do palacio! Sáiam de minha vista!

E todos sahiam correndo, como coelhos assustados.

— E você tambem póde retirar-se! — continuava o rei, dirigindo-se agora ao chanceler.

E todos sahiam, deixando a rainha sozinha em presença do pequeno energumeno. E, naturalmente, virava-se contra ella:

— Por que te vestes de amarello? Acaso não sabes que detesto essa côr? E que me dá dôr de cabeça?... E por que cantavas esta manhã, ás seis horas? Sáia daqui! Suma de minha vista!...

E assim se succediam as exclamações e reprovações, deixando a pobre rainha angustiada, saccudida pelos soluços, e tambem ella se apressava em afastar-se do rei o mais depressa possivel.

Então, o rei de novo se punha a berrear: chamava, a gritos agudos, o mordomo, o chefe, o chanceler, e estes sahiam, tremulos, dos cantos em que se haviam escondido; desfaziam-se em reverencias, tratando de não dar motivo a novas queixas.

o o o

Essa manhã, pois, a rainha quebrava o jejum, depois de ter sido despedida da presença do rei com todos os outros. Em geral, a maior parte do dia ella passava no frondoso jardim, tratando de escapar á vista do marido. Allí se divertia olhando as azues mariposas, observando como revoloteavam de flôr em flôr, escutando o canto dos passaros, desejando ser um delles para poder afastar-se desse reino em que se vivia em perpetuo vôo e para deixar de uma vez para sempre de ter que chorar pelas injustiças e mau genio do rei.

Naquelle especial verão, como succedia em todos quantos a florescencia das rosas se encontrava em todo esplendor, os habitantes do paiz de Dugaroo costumavam enviar mutuamente formosas cestas de flôres. A rainha recebera vinte-e-cinco dessas cestas de rosas, e todos os membros da côrte pelo menos cinco cada um, ficando tão somente o rei sem receber nenhuma flôr, devido por certo ao respeitoso terror que a todos inspirava. E justamente por isso se deitára furioso, dizendo a si proprio que no dia seguinte todos haviam de vêr quem era elle...

Nada de extranho tinha, pois, que nessa manhã o rei mostrasse o seu peor genio. Principiára por mandar embóra todos que se achavam perto de si, terminando, como vimos, por ordenar que o thesoureiro desaparecesse, subindo logo ao alto tamborete. E ahí estava contando moedas de ouro, dizendo á rainha que na verdade devia estar mais enfurecido que nunca desde o momento que se empenhava em contar p'ra cima de cem... E quando ouviu que elle chegava a dois mil e quarenta, perguntou-lhe com doçura:

— Simão, não queres que te ajude a contar?

— Não, não quero! — rugiu o rei. — Fóra de minha vista! Fóra do palacio!

E continuou a contar. Mas, por fim teve que se convencer de que não tinha compostura e como ao mesmo tempo chegára a hora do almoço, o rei sentiu grande appetite e começou a gritar com toda a força de seus pulmões:

— Cornelia! Cornelia! Cornelia!

Era esse o nome da rainha.

Ninguem lhe respondeu. Continuou a chamar e o resultado foi igual: o palacio nunca lhe parecera tão silencioso. Singularmente impressionado, sahiu á procura de sua esposa, perguntando a si mesmo como era possivel que não attendesse, solicita, ao seu chamado...

Percorreu todos os corredores e entrou na camara da rainha: estava vazia. Atravessou o grande salão de recepções em que geralmente se apinhavam os cortezãos esperando suas ordens e nem sequer encontrou os lacaios. Todo o palacio estava deserto e tão vazio como a caixa de um tambor.

— Chanceler! — trovejou.

Respondeu-lhe tão sómente o eco de sua propria voz, que de repente lhe appareceu por demais espantosa. Com uma fria sensação de temor que subia por sua espinha dorsal, continuou sua exploração. Entrou na grande sala de jantar, desejando encontrar allí o que lhe satisfizesse a fome que já o atormentava: ahí tambem não havia ninguem. E o que ainda era peor: a mesa não estava posta. Foi á cozinha... Allí, seguramente, encontraria o cozinheiro. Tampouco havia viv'alma...

Pouco a pouco, o rei começou a comprehender que na realidade estava completamente sozinho no grande palacio. Elle proprio ordenára que todos fossem embóra e todos haviam acatado suas ordens.

Desconsolado, olhou pelo grande pargue. Arrimado á parede da cozinha, viu então um rapaz fraco e desalinhado, que parecia morrer de medo ao vêr o rei.

— Olá, mancebo! — gritou o rei. — Quem és? Venha p'ra cá!

Tremulo, cheio de temor e confusão, o desconhecido obedeceu, murmurando:

— Já vou embora, Magestade! Não vos altereis...

— Ir embora? — riu o rei, de excellente bom humor. — Não faltava mais nada! Diz-me, continuou, apontando a cozinha em que não se via nem o rastro do fogo. — Já almoçaste? Porque entre nós dois poderíamos nos occupar de fazer fogo e preparar cousa para comer...

— Oh, sim, Magestade! — concordou o rapaz, perdendo repentinamente todo o medo. — E parece-me uma idéa acertada: ainda não puz nada na bocca.

o o o

De braços dados, entraram na cozinha o rei e o rapaz, que outro não era que um dos tantos lavadores de prato, que o primeiro cozinheiro occupava.

— E agora como conseguiremos algumas comidas, embóra leves? — perguntou o rei.

— Isso é simples, senhor — affirmou o moço. — Eu descascarei batatas e, enquanto isso, Vossa Magestade poderá occupar-se do fogo.

(Conclue na pag. 12)





O SACY

ANNO II

S. Paulo, 2 de

DURANTE A CACADA



— Faz meia-hora que o cão foi atrás da lebre...
— E que tem isso?
— Estou inquieto, porque a lebre voltou sozinha...

NEM NA REPARTIÇÃO PO'DE DORMIR!...

Um funcionario publico foi consultar um medico.
— Com que então, — disse-lhe este — continua a patecer das mesmas terriveis insomnias?
— E' verdade! e agora, o que é peor, é que nem sequer na repartição consigo dormir!

PARA DIMINUIR O SUSTO DA PASSAGEIRA

A uma senhora muito medrosa, que seguia viagem á bordo de um vapor, dizia o Loureiro, com o louvavel desejo de lhe diminuir o susto.
— Imagine a senhora, que uma baleia já enguliu um navio do tamanho deste.
— E' impossivel! — observou a timida senhora. — Um navio não cabe na bocca de uma baleia!
— Cabe pefeitamente. A baleia tem uma bocca enorme. A senhora não come noses?
— Como, mas quebro primeiro a casca para comer depois o miolo.
— Foi exactamente o que fez a baleia. Metteu o vapor na bocca, quebrou-o e deixou fóra a casca.

NÃO PO'DE VER POR CAUSA DAS ARVORES

— Escuta, aquillo alli é que é a selva?
— Não estou vendo bem por causa das arvores que estão na frente.

QUEM TINHA RAZÃO?

Dizia uma occasião certo literato, que nenhuma mulher escrevia uma carta sem "post-scriptum".
— A minha proxima carta ha de ir sem elle... — disse uma senhora.
Poucos dias depois recebeu elle uma epistola em que realmente todos os assumptos eram tratados no corpo da carta. A sabichona, entusiasmada com a sua obra, depois de assignar a carta, escreveu o seguinte:
"P. S. — Quem tinha razão? eu ou V. Excia.?"

APENAS COZINHA COM GAZ

— E a senhora d. Joanna não cozinha com azelte?
— Não; cozinho com gaz.

TAMBEM PREFERE; MAS COMO NÃO HA OUTRO...

— Oh! Augusta!.. Você bebendo o vinho branco! Eu não posso supportar isso.
— Eu tambem prefiro vinho tinto, sim senhora. Mas em falta de outro!..

POR ISSO MESMO QUER SER AVIADOR!

O pai: — Meu filho, lembre-se sempre que para vencer na vida é preciso elevar-se acima de tudo.
O filho: — Pois é papae... por isso é que eu quero ser aviador...

A UTILIDADE DA MUSICA

Conta-se que o comico Felix Mesa penetrou uma vez, em companhia de um amigo, no salão de honra de um Conservatorio, em cujas paredes havia grande numero de retratos de musicos celebres, todos com suas grandes cabeleiras.

— Acreditas que a musica seja de utilidade pratica na vida, — perguntou o amigo de Felix Mesa.
Ao que este retrucou:
— Como não? A julgar por esses retratos, impede a queda do cabelo...

CEM RE'IS DE BREVE

Um homem, chegando a um negocio, diz para o negociante:
— Faz o favor de me vender 100 réis de pinga?
O negociante diz:
— Pinga não tenho, mas breve terel.
Então o freguez retruca:
— Então me dá 100 réis de breve, mesmo.

PENSOU QUE ERA UMA QUALIDADE DE BOTINAS

— O senhor sabe, patrão? No Chaco tem soldados que usam calçados que valem verdadeiras fortunas!
— Como então?
— Li num jornal argentino que num combate entre bellivianos e paraguayos estes se apossaram de um "botin" no valor de mais de 30 contos.
— Você é um arara. "Botin" em castelhano quer dizer "presa de guerra", "material abandonado pelo inimigo".
— Ah!... Eu pensei que era uma qualidade de botas...

COMEÇARIA POR DIZER QUE...

Na loja de antiguidade:
— Veja o senhor esta secretaria do seculo XVIII. Que maravilhas nos diria se pudes-se falar.
O freguez — Começaria por dizer que é de pinho do Paraná..

RETRATO PARECIDO

Subiu ao pulpito certo padre para pregar, mas, após haver começado o sermão, desnor-teou-se, emmudeceu, e foi-se embora.
Um dos fieis, vendo mais tarde o retrato do pregador, commentou:
— Nunca vi cousa mais parecida! parece que está pregando!

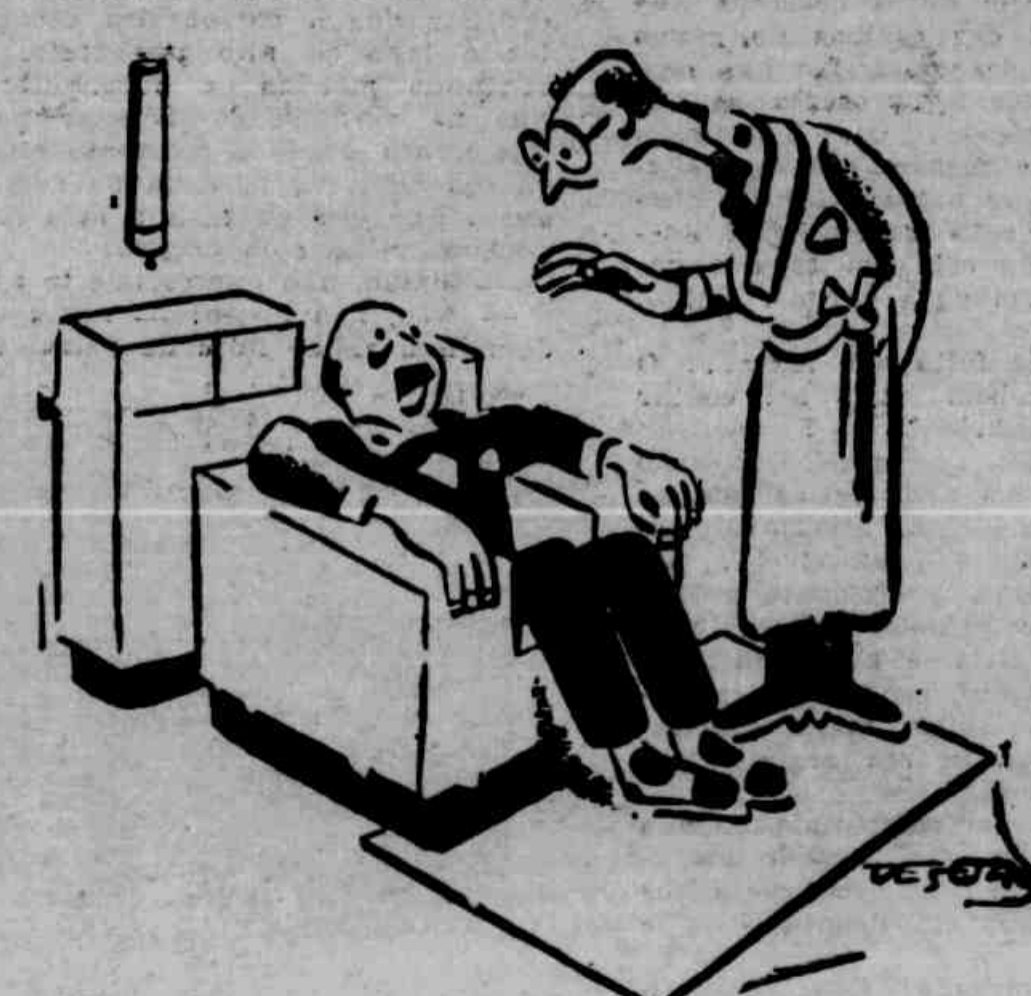
OBSERVAÇÃO DE POETA

Estava o poeta Saint-Amand em certa sociedade parisiense.
Entre os presentes, contava-se um individuo de barba toda branca e o cabelo inteiramente preto.
Reparando nelle, disse o poeta:
— Aquelle sujeito cança mais os queixos do que a cabeça.

POR QUE A CEGONHA LEVANTA UMA PERNA SO'?

— Porque é que a cegonha só levanta uma perna?
— E' por que se ella levantar as duas cae no chão.

DEPRESSÃO NERVOSA



— A que attribue sua depressão nervosa?
— A' excessiva emoção da pesca...
— Mas a pesca não é esporte emocionante.
— Assim diz o senhor; quando, como eu, não se tem licença...

O espirito de

Desejando conhecer a...
tores, o "Sacy Pereré" em...
curso semanal, que obedece...
1.º — O "Sacy" publico...
nho, e, baseados sobre os...
dados enviarão as legendas...
2.º — De todas as legendas...
de "Sacy" escolherá as...
mais espirito.
3.º — Aos tres primeiros...
dos dez mil réis em dinheiro.



...publicamos...
legendas serem enviadas...
Os concorrentes devem...
envelope fechado, com...
rerá" (Gazeta Infantil)...
nos leitores".

RESULTADO



Foram estas as...
setimo concurso semanal...
O gordo — Em...
do somno procurei ser...
O magro — Ah! Par...
si todos os ouvintes...

A' SAHIA...
— De toda a peça...
— Dos intervallos.

O empresario — O...
fórma que a pessoa mal...
insignificante scena.
O autor — Bem...
nao comprehendeu.

Esses concorrentes...
cada um á importancia...

PERERÉ

de Março de 1935

N.º 70



VISITA AO MUSEU



— Quando estive no museu de Paris, vi dois crâneos de Napoleão.
— ?!...
— Um, quando era criança; o outro, quando homem...

TAMBEM ELLE MUDOU DE OPINIAO

Tinha alguém, em sua casa, um hospede disposto a jornadejar. Porém, começou a chover e o tempo prometia uma grande tempestade. Pediu-lhe o dono da casa, encarecidamente, que se deixasse ficar, pois era perigoso, com tal tempo, pôr-se a caminho.

O hospede teimou e partiu. Tendo andado cerca de meia legua vieram, sobre elle, os dias de Noé. Arrependeu-se de ter partido e voltou, de novo, á casa do amigo. Bateu á porta e vendo-o á janella, disse-lhe:

— Amigo, mudei de opinião.
— Pois eu tambem — respondeu aquelle.

ONDE ESTA' A AGUA CORRENTE...

— Vou-me embora deste hotel. E' uma droga. Disseram-me que tinha agua corrente e todas as torneiras estão seccas.

— Mas não é nas torneiras que temos agua corrente, cavalheiro. E' no rio, que passa pertinho d'aqui...

PERDE O TEMPO A OUVIL-A...

A patrão:
— Mas, Luiza, ha duas horas que vocemecê está fazendo a limpeza da sala, e ainda não acabou?

A criada:
— Então, o que quer a senhora? A culpa não é minha. A senhora está sempre a gritar comigo, e eu perco tempo a ouvil-a!

NÃO SABE SI ESTARIA DISPOSTA A SALVAL-O...

Entre amigos na praia:
— O nosso namoro principiou duma forma muito romantica. Minha mulher salvou-me de morrer afogado. Ella nada esplendidamente, sa bes?

— Mas já reparei que nunca te afastas agora para muito longe, quando nadas.
— Não. Não sei se ella me tornaria a salvar.

TOMARIA LOGO O VENENO...

Contam, de Lucio Mansilla, este caso, quando fazia uma conferencia, dizendo mal das mulheres:

Uma mulher, que o escutava, o aparteia:
— Se eu fosse sua mulher, lhe daria veneno.

Ao que respondeu o conferencista:
— E se eu fosse seu marido tomava o veneno.

A MELHOR PROVA DA SUA MORTE

O Antonio Loterico vai em soccorro do Banjo Bóde, que acaba de cair do ultimo andar do Martinelli e pergunta-lhe:

— Estás morto, Banjo?
— Sim, estou morto Loterico.

— Mentiroso!
— Eis ahí uma prova evidente de que estou morto.

— Como assim?
— Si eu estivesse vivo, não terias coragem de me chamar de mentiroso, porque eu te esberracharia...

Paulo Mural

RATOEIRAS GRANDES

Conta Pedro Bandeira que um dia, quando estava numa loja de ferragens das Portas de Santo Antão, em Lisboa, a comprar umas escapulas para pregar uns quadros, entrou um freguez muito apressado que bateu no balcão repetidas vezes.

— Tem ratoeiras grandes? — disse elle ao caixeiro.
— Já vae... Estou a attender este freguez...

— Mas, depressa, dê-me uma das grandes, que eu quero apanhar o combolo.

— Ratoeiras para apanhar combolos não ha cá na casa — disse Pedro Bandeira.

O homem sahio furioso e o caixeiro commentou, a rir:

— Ellas nem apanham ratos...

ESTA' DE PE' NAS PERNAS TRAZEIRAIS!

Lili, que está tão acostumada a ver o irmão pequenino andar de gatinhas, julga ser esse o seu modo de andar natural:

— O' mamá, venha cá depressa! O manozinho está de pé nas pernas trazeiras.

A INTELLIGENCIA DO FRANCISCO

Ouvindo dois inglezes a palestrar animadamente, o Francisco, que se julga um menino muito intelligente, disse:

— Que pena eu não ter nascido na Inglaterra!

— Por que? — perguntou-lhe alguém.

— Naturalmente: si isso acontecesse, eu saberia duas linguas: a portugueza, que já sei, e a inglesa, que havia de aprender desde criança.

Um capitão

A LOTERIA E O TROVAO

— Precisava muito que me salisse premiada a loteria.

— Compraste bilhete?

— Não.

— Então como queres que...

— Ora essa. Então a gente só apanha um rato na cabeça quando compra o trovaõ?

UM CAVALLO SO', NÃO; UMA CAVALLHADA...

O medico, examinando o paciente:

— O desastre foi com um cavallo?

— Não; foi com uma cavallhada!

— Como assim?

— Naturalmente: e desastre passou-se com meu automovel, que é de quarenta cavallos...

C. M. S.

O PEDIDO JUSTO DO CONDEMNADO

O juiz, dirigindo-se ao réo:

— Communico a você que foi condemnado a vinte annos de prisão. Tem algum pedido a fazer?

— Tenho.

— Qual é?

— E o réo, com toda a calma, levantando a manga do paletó:
— Peço que me deixem a sós, durante cinco minutos apenas, com o meu advogado de defessa...

C. M. S.

TERIAM DURADO SO' QUINZE DIAS

Na casa de antiguidades:

O vendedor.

— Garanto-lhe a authenticidade dessas porcellanas. Datam de 1750.

O comprador.

— Vê, Luiza?... Contigo teriam durado apenas 15 dias!

ESTÁ CERTO



— Desculpe-me, senhor, mas esse lugar era meu; deixei nelle uns jornaes.

— Sim, mas são jornaes de hontem e não é permittido occupar lugares um dia antes...

Meus leitores

Na humeristica de seus trabalhos, deixou o seu primeiro com as seguintes bases: semanalmente, um desenhos da figura, os candidatas recebidas, a redacção dos mais interessantes e de serem collocados serão conferidos.



o primeiro desenho, devendo ser feito até o dia 15 de abril.

Enviar seus trabalhos em seguinte endereço: "Sacy Pereré" - Rua do Espírito de nos-

PRIMEIRO CONCURSO



as legendas vencedoras do "Sacy Pereré":

conferencia sobre a doença mais perfeito possível. Então é por isso que quem contaminados...

L. C. Neto

THEATRO que gostaste mais?

Paulistophilo

deve escrever as peças de estúpida comprehenda a mais

me então que scena o sr.

Darval Bilotta

como noticiámos, fazem, ju'z 100000.

Eugenio e Antonietta



Essas duas interessantes creanças: Eugenio e Antonietta, amiguinhas da "Gazeta", são filhos de casal Raphael de Lucca-Sebastiana Quinini de Lucca

As divisas do cabo Figue

sabendo



Que grande azafama na casa da sra. Praxedes. Toda a manhã a prestativa senhora estivera apromptando o marido para a bella parada daquelle dia. E quando terminava os preparativos ouviu bater violentamente a porta da rua acompanhado de uma serie de pontapés que bem denotavam o estado de espirito de quem ia entrar.

A pobre sra. correu para evitar a furia do marido. Elle estava tão raivoso que não podia conversar correctamente e é explicar o facto: Mas, finalmente, a mulher ponde descobrir que o cabo havia perdido as suas divisas e a rapaziada na rua começava a caçoar delle chamando-o de "cabo de meia tigela" e perguntando por que motivo elle havia sido destituido das divisas.

O "Inferior" não estava tão irritado contra a brincadeira dos rapazes, mas o que o apavorava era o "sermão" que ia receber do sargento, na occasião da parada.

Neste momento, o som da banda de musica se fez ouvir na direcção da rua onde morava, e o casal teve que abandonar a idéa de procurar a divisa perdida pela casa. Afinal, encontraram um pedaço de pano quadrado em que se achava desenhado um outro quadrado. Pois bem. A cuidadosa sra. Praxedes retirou o quadrado e dividiu-o em 3 pedaços, cozendo-os sobre a manga direita do uniforme do marido, de modo a imitar perfeitamente uma divisa.

O pequeno leitor vae applicar sua habilidade como fez a esperta sra. Praxedes e cortar o quadrado em 3 partes, para formar uma divisa.

Será conveniente pregar os quadrados num papelão e depois cortá-lo no numero exacto das peças que devem formar a divisa procurada.

Perguntas e respostas

- 1 — Como se chamava o inventor do telephono?
- 2 — Que significa a população urbana?
- 3 — Qual o nome das guerras religiosas da Edda Média?
- 4 — De onde provém a dança tarantela?
- 5 — Quaes são as virtudes cardenas?
- 6 — Em que especie de arvore Judas enforcou-se?
- 7 — Por que se collocou a aliança de casamento na mão esquerda?
- 8 — Quaes os tres grandes montes da Irlanda?
- 9 — Qual o escriptor que escreve "A consciencia nos faz covardes"?
- 10 — Como se chamava o cão de tres cabeças na historia mythologica?

RESPOSTAS

- 1 — Alexander Graham Bell.
- 2 — Da cidade.
- 3 — Cruzadas.
- 4 — Da Italia.
- 5 — Justiça, Prudencia, Temperança e Fortaleza.
- 6 — Numa figueira.
- 7 — Devido á antiga creança de que havia um nervo que ia do dedo annular ao coração.
- 8 — S. Patricio, S. Colombo e St. Bridget.
- 9 — Walter Scott.
- 10 — Cerberus.

"Semcollarinhismo"

A crer no que affirma um estudioso medico de Londres, poderíamos chegar a qualquer dos nossos amigos e dizer-lhe:

— A culpa de você estar assim, cheio de cans, não é da sua idade, nem dos seus soffrimentos, nem dos seus trabalhos. E' dos seus collarinhos!

Dos collarinhos? Sim! Para esse medico, os collarinhos agarrados ao pescoço é que fazem envelhecer, ou melhor, encanecer. Por isso, aos 60 annos, de accordo com a sua propria theoria, deixou de usal-os. E o resultado foi surpreendente! As cans desappareceram, os cabellos augmentaram e a saude melhorou.

Outros medicos concordaram com essa opinião, de modo que, ao lado do "semchapellismo", o "semcollarinhismo" está triumphando em Londres.

E' uma theoria como outra qualquer. Mas... é o caso de perguntar a esses medicos: — E as mulheres, que não usam collarinhos? Por que é que encanecem tão depressa?

Diamantes, perolas e opalas

Um diamante vermelho, descoberto perto de Kimberley, foi vendido por 900 libras, apesar de só ter seis quilates. E' portanto quatro vezes mais caro do que os diamantes communs.

A cor estabelece grandes differenças no valor dos diamantes. O primeiro é o vermelho, e segundo, o verde. Ha alguns annos foi encontrado um diamante negro em Bloemhof. Quando o cortaram, verificou-se que era de um verde esmeralda, e, embora só pesasse um quilate e meio, foi vendido por 370 libras.

Outro tanto ocorre com as perolas. Enquanto um jogo de botões de perolas custa ordinariamente 25 libras, um jogo de perolas rosadas vale 500.

Uma perola rosea, de agua doce, de tamanha excepcional, foi descoberta no rio Mississippi, por um pescador, sendo vendida por 8.000 libras a um sr. Henry Deakin, de Chicago.

O valor da opala depende exclusivamente da cor. A opala commum, branca esverdeada, amarella ou azulada é barata; mas a de cor de fogo vale muito dinheiro. A mais cara é a negra. Em 1931, uma opala negra de 771 quilates foi descoberta em Lightning Ridge, na Australia. Tinha raios vermelhos e azues. Em 1928, encontrou-se uma semelhante. Pesava 225 quilates e foi vendida por 5.000 libras esterlinas.

Rafael



Esse será um futuro leitor da "Gazetinha". Nte nasceu no dia 15 de dezembro ultimo. Filhinho do casal Domingos — Juana-Maria Laterra —

A "Gazeta Infantil" é o organo official das creanças de São Paulo

QUE...

Das indicias de relógios — empregam aparelhos de tamanho tão diminuto que uma centena delles cabe num dedal.

QUE...

Embora pareça ser a mesma a altura das orelhas no rosto humano, a orelha direita se acha geralmente collocada um pouco mais acima da esquerda.

QUE...

A agua potavel que se consome em Tunis (Africa) é tirada dos mesmos poços feitos pelos cartaginenses, quando alli floresceu a grande cidade de Carthago, destruida nas guerras punicas pelos romanos, centenas de annos antes da vinda de Christo

QUE...

As rãs e os sapos são notaveis pela agudeza de seu ouvido.

QUE...

No porto de Famagusta, na Italia, ha uma torre em ruinas que, segundo a lenda, é o lugar onde se passou a tragedia immortalizada por Shakespeare na sua obra "Othello".

QUE...

O ponto mais profundo do Mediterraneo parece encontrar-se entre as ilhas de Malta e Candia, onde o commandante Magagni, em minuciosa sondagem, registrou uma profundidade de quatro mil metros.

QUE...

em Foochow, na China, certos sacerdotes taoistas chegam a vender panagens para o céu, por preços excessivamente medicos.

QUE...

foram os Wikingos, os primeiros descobridores e povoadores da Islandia, no anno de 870, quando esta se chamava Ultima Thule.

QUE...

a cidade de Ruão, na França, possui o mais velho relógio do mundo, que pôde ser considerado tambem como um dos maiores. Esse relógio está marcando bem as horas, desde o seculo 13 e se ergue proclamaente no local onde Jeanne d'Arc foi queimada viva.

QUE...

a primeira medica da Europa foi uma joven atheniense, chamada Agnadic. No anno 300, antes de Christo, ella se disfarçou em homem e começou a assistir as aulas, apesar da lei prohibida. Exerceu, depois, a profissao com grande exito, tendo sempre mulheres por clientes.

As lições de papae

Nomes antigos e modernos de cidades



O povo que fundou a cidade de Londres, na Inglaterra, era chamado "The Fort on the Lagoon", segundo uma palavra celtica "Cair Lundun".

Quando os romanos chega-



YORK ENGLAND

ram á Gran-Bretanha, adoptaram o nome, porém transformaram-no para "Londinium", mais de accordo com a sua linguagem. E a palavra evoluiu sempre até chegar a ser "London". Paris ha dois mil annos era chamada "Lutetia". Nova York recebeu esse nome por causa do Duque de York. Washington chamava-se assim por causa de George Washington e a cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, é chamada S. Sebastião do Rio de Janeiro, em honra ao santo patrono da cidade.

Eu me lembro da casa onde nasci

Quem escreveu o poema "Eu me lembro da casa onde nasci"? Foi Thomaz Wood, um poeta inglez. Thomaz Wood (1799-1845) nasceu em Londres, na In-

glaterra. Foi gravador na primeira mocidade, mas com a idade de 23 annos acceitou um logar num jornal londrino e começou abi a sua carreira literaria. Suas produções humoristicas tiveram grande successo. Entretanto, a sua fama é devido aos seus trabalhos sérios. Entre os melhores poemas que produziu, a "Ponté dos sus-



THE BRIDGE OF SUSSEX



piros" e "Song of a Shirt", são as melhores produções, e se acham entre os mais notaveis trabalhos sobre o amor e o soffrimento da humanidade.

Quem deu a ideia de se festejar o dia 1.º do anno?



A idéa remonta aos dias da velha Roma. Os romanos offerciam sacrificios no dia de Anno Novo ao deus Janus — que era o



nome do mez de Janeiro dado por Numa Pompilius. Nesse dia os romanos tinham de comportar-se esplendidamente para que assim continuassem o

anno todo. Tambem davam presentes aos parentes e amigos e mais tarde aos imperadores como uma especie de imposto. Hoje as dadivas entraram em uso em todos os paizes.

As cartas enigmaticas da Gazetinha educam, divertem, avivam a intelligencia e tornam o raciocinio rapido

Os trezentos e quarenta e seis maguinhos

Em cada uma reiniciou o seu trabalho: umas a tecer, outras a fiar...

Então, Pirulo tomou uma pá e, cuidadosamente, principiou a juntar toda a reia do mar. Quando na pá ficava algum grãozinho maior que os outros, murmurava a formula magica e esperava... Si o grãozinho ficasse tal qual era, o mago lançava um suspiro e reiniciava sua tarefa exhaustiva.

E assim passaram seculos e seculos, até que finalmente Pirulo conseguiu reunir, um atraz dos outros, os seus setes maguinhos perdidos.

Vocês não podem imaginar a alegria que experimentou quando conseguiu seu objectivo. Correu apressadamente até onde se achavam os outros trezentos e trinta e nove, que estayam sumidos num profundo lethargo, devido a tão larga espera, e ao vel-os de novo ao seu redor, o mago organizou uma festa phantastica em honra da volta ao lar de todos seus filhinhos.

O rei do genio ruim

Magnifico! Assim, cada um terá o seu trabalho. Verás que lindo fogo hei de fazer.

— Mas, Magestade. Para fazer fogo será melhor que tireis vossa coroa e o pesado manto de arminho.

— Tens razão! — exclamou o rei, entusiasmado. — E porei essas cougas em ti.

E tirou a coroa, com ella adornando a cabeça do lavador de pratos; depois tirou o manto de arminho e com elle cobriu seus hombros magros.

Depois de cinco minutos ferveram as batatas e depois de quinze se atiraram á comida, que ao rei pareceu o mais opipare almoço de sua vida. Installados um á frente do outro na mesa da cozinha, parecia-lhes que passavam pela mais maravilhosa das aventuras.

Mais tarde, sempre de braços dados, percorreram todas as dependencias do palacio, vendo o rapaz multissimas cousas que jamais sonhára pudessem existir na realidade. E, enquanto subiam e desciam as largas escadas de marmore e ouro, o rei também julgava viver algum estupendo sonho, do qual não tardaria despertar.

Chegou a noite e accedenderam todas as velas dos altos candelabros de ouro. E Sua Magestade observou:

— Que triste e solitario me parece isto, agora. Como sinto falta da rainha e de meus bons cortezaos!

E perguntou:

— Por casualidade, não saberias dizer-me onde todos se metteram?

— Si sei! — riu o rapaz. — Poderia ter-me perguntado antes. Todos se encontram no pavilhão do porteiro, esperando pelo dia de amanhã, quando uma carruagem os levará a Banbury.

— A Banbury! — gritou, jubilo, o rei, também aliviado, pois o pavilhão do porteiro ficava só a curta distancia da cozinha e das janellas do palacio podia-se ver seus quartos illuminados. — Que idéa a de querer ir para Banbury! Fica muito longe daqui.

Foi buscar a todos. E desde esse dia seu genio se modificou por completo e não mais tornou a repetir as scenas tristes. Emfim: a Felicidade tornou a reinar no paiz e no palacio.

As flôres escondidas



Muitas variedades de flôres conhecidas acham-se escondidas neste ramallete circular.

Como se chamam ellas?

Qualquer pessoa pôde descobri-las, seguindo estas direcções: Comece com uma determinada letra e vá com ella pelo circulo, tirando uma outra de vez em quando. A ordem na o jogador chega ás letras, indicará os nomes das flôres. A direcção escolhida em volta do circulo quer seja direita ou quer seja esquerda, é do inteiro arbitrio do jogador. Deve, porém, estar certo de que se encontrar a sahida conveniente e seguindo na direcção justa, elle encontrará a solução do problema.

Para uma amostra desta solução, pense primeiramente em nome de flôres conhecidas e veja se pôde encontrar as letras que soletram este nome no circulo. Depois que descobrir nomes de flores comece a fazer o jogo com o nome do cientista cuja profissão é o estudo da vida das plantas.

O homem vermelho

Os indios da America do Norte são conhecidos pela denominação de "pelles vermelhas", usando para esse fim a pintura com terra vermelha. A cor natural é a parda com diversos matizes, indo proxima a do chocolate nas regiões do sul.

Têm os cabellos pretos, lisos, nariz saliente, rosto redondo, pouca barba.

Viviam em épocas esquecidas, com o mastodante, o mamouth, o cervo gigante e usavam armas e utensilios de pedra.

A pelle de buffalo era empregada para cobrir a tenda e fazer vestuarios, tendo em grande estima a dos coelhos e castores.

Proximos dos esquimaus, possuíam cultura inferior á estes. Semelhantes a todos os povos selvagens, sustentavam-se da caça e da pesca por meio de aparelhos e recursos originaes e engenhosissimos.

A nação compunha-se de varias tribus, entre ellas: iroqueses, algonquinos, os

cherokeus encontrados em 1549 e que habitavam entre os Estados da Georgia, Alabama, Mississipe e Tennessee.

Em épocas determinadas realizavam excursões, festas, cujos cerimoniaes eram presididos pelos caciques, chefes Powhatan e o heroico e infeliz Osoeola (1835). Esses maiores enfeitavam-se de plumas e penas de passaros de tons azues, verdes, escarlates, adornavam-se com cabellos de mulher e barbas de leão marinho, além do "dentarium" nas orelhas e "tabiques" no nariz.

Os invasores do paiz fizeram-lhes guerra sem treguas.

Quando no Congresso (Bachoné), alguma voz tentava defender os expoliados. Bell declarava que a moral e a razão — eram "principios abstractos e theoreticos".

Todos os Estados perseguiram os indios, salientando-se os da Georgia, Cherokeeus e os da Alabama: Creeks.

Toqueville na ligeira synthese desses factos escreveu que os "hespanhões não puderam exterminar a raça dos indios na America Central e que os americanos do Norte conseguiram esse resultado com maravilhosa facilidade".

Felizmente os do Brasil se internaram, fugiram, foram viver em terras fertis, rios piscosos, campos onde a caça dá-lhes perdularia alimentação e vida tranquilla, longe das miserias humanas.

Em tempo, os Cherokeeus vendo-se perseguidos, disimulados, só tendo o asylo dos gelos, fizeram um apello ao Senado Americano, em termos que exprimiam a situação afflictiva em que se encontravam:

"Pela vontade de nosso Paiz celeste que governa o universo, a raça dos homens vermelhos da America, tornou-se pequena, a raça dos brancos ficou grande e famosa.

Quando os vossos antepassados chegaram ás nossas praias, o homem vermelho era forte e apesar de ignorante e selvagem os recebeu com bondade e permitiu-lhes descansar os pés na areia enxuta.

Nossos paes e os vossos, deram-se as mãos em signal de amizade e viveram em paz. O indio era o senhor, o branco — vassallo. Depois as scenas mudaram e de tantas tribus poderosas que cobriam o solo do que chamaes Estados Unidos — apenas restam poucas.

Tal foi o destino do homem vermelho da America. Somos os ultimos da nossa raça: teremos também que morrer?"

DALGRIM

A Liga da Reforma

— Dêem-me os braços! — queixou-se Ignez. — Não poderei aguentar muito tempo!

Uma das meninas, não recordei qual, desmaiou; as outras puzeram a carpir-se e a chorar.

Então, com a velocidade do cyclone, entrou Hilda. Não vacillou um só segundo. Afastando-nos todas, aproximou um tamborete á janella, affirmou-o bem, e, subito, passou os braços pela parte superior da janella e sustentou Ignez.

— Não tenhas medo! — disse-lhe. — Eu te amparei! Agora descança um pouco até que venham soccorros. Não tardarão!

— Solta-me, Hilda!... — exclamou Ignez. — Sinão, eu te arrastarei commigo, quando cahir.

— Não diga bobagens! — pediu a valente menina.

E principiou a dar ordens:

— Procurem o porteiro e que traga uma corda! Vão esperar os irmãos de Ignez.

A scena se desenrolava ante nossos olhos como horrivel pesadello. As meninas corriam por todas as partes. Enquanto isso, Hilda sustentava Ignez. Sua posição era violenta, mas segura. Tinha os olhos fechados e movia os labios, como si rezasse...

De repente, entrou um tropel de gente. Alarico e João Dare, o porteiro, a directora, duas ou tres professoras... Depois, quando se dissolveu o grupo, vimos Ignez nos braços de seu irmão Alarico. Tendo descansado um pouco, fez-nos uma careta.

— Sinto tel-as assustado — disse. — Obrigadô por me ter salvo, Hilda!

Escondeu a cabeça no hombro de seu irmão Alarico, que a levou como si fôra uma creança. O doutor João olhou Hilda, pediu desculpas á escopa do porteiro, julgando que era a directora, e foi atraz do irmão.

Nós ficamos amargamente envergonhadas pelo que se passára. Os cinco grupos haviam perdido a cabeça!

Não nos restou outro remedio que acariciar a Hilda e dar-lhe um copo de agua, que bem o merecia.

Nesse mesmo dia dissolvemos a Liga para Reformar a Ignez.

Comprehendemos o fracasso de nossa tentativa para reformar nossas companheiras. Com Ignez nos davámos por vencidas, e no que se refere a Hilda... como iríamos tratar de reformal-a si era ella quem ganharia a recompensa offerecida pelo senhor Alarico?

Hilda não recebeu presente algum. Em tróca, porém, foi convidada a passar as férias no "yate", com Ignez, realizando um cruzeiro pelo Mediterraneo. Quando regressou junto a nós, estava tão mudada que não parecia a mesma e promettia ser uma das melhores alumnas da escola.

Ignez enviou-nos enorme caixa de bombons estrangeiros em paga do que lhe havíamos feito padecer... e não voltou á escola. Seus irmãos julgaram mais prudente fazel-a terminar sua educação a bordo do "yate".

CONSTANCE SAVERY

Não pôde haver sangue artificial

Os esforços que têm sido feitos no sentido de produzir sangue artificial têm dado resultados absolutamente infructiferos, e o exito que lhes têm sido attribuido carece de fundamento de especie alguma, segundo affirma o Dr. W. R. Anderson, da Universidade de Tennessee.

A razão que elle dá é que os corpusculos vermelhos do sangue estão cobertos duma membrana que permite ao pigmento — a hemoglobina — que difunde por todo o corpo o oxigenio dos pulmões, produzir resultados que seria impossivel obter fôra dessa membrana.

Aventuras de Haroldo



1) — Naquella manhã, Haroldo envergou sua melhor roupa e esperou sua noiva numa esquina. Desgraçadamente, Archibaldo, seu mais encarniçado inimigo, descobriu sua presença ao ver o cachorro...



2) — ...que nosso heroe levava em sua companhia, e logo concebeu uma idéa. Comprou um osso no açougue e deu-o a cheirar ao nobre cão, cujo appetite se despertou. Feito isto, collocou o osso...



3) — ...dentro de um caixão de ovos que o dono da venda acabava de collocar nas proximidades. "A função vaee principiar" — pensou o homem, louco de alegria. O cão percebeu a manobra de...



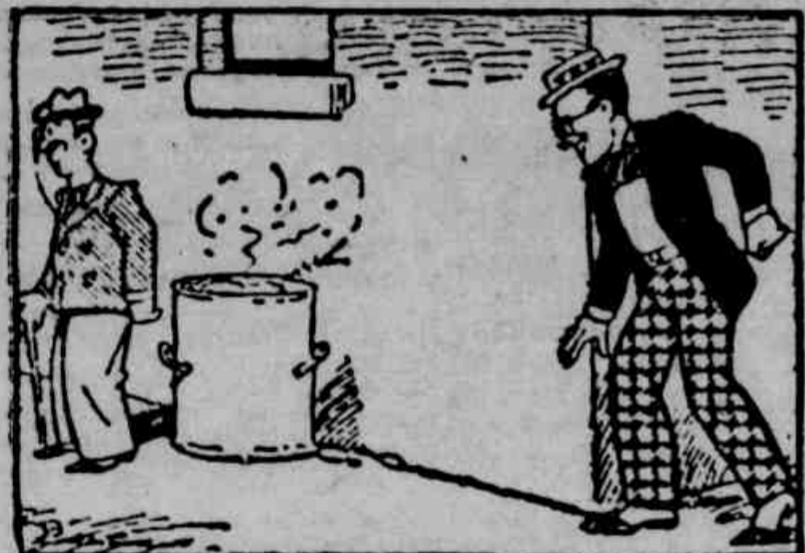
4) — ...Archibaldo, e disposto a apanhar o osso começou a procurá-lo no caixão do galinheiro. Haroldo viu-o approximar-se e a farejar as proximidades. "E' extranho — murmurou. — Em que irá..."



5) — ...parar isto? Soube logo, quando os ovos principiaram a voar e a cair sobre elle em fórma de chuva espessa e pegajosa. Archibaldo achou a brincadeira engraçadíssima e festejou-a com...



6) — ...ruidosas gargalhadas. Está visto que nosso heroe não era da mesma opinião. Aquelle desenlace aborrecia-o sobremaneira e, portanto, nem bem conseguiu livrar-se dos resultados, principiou...



7) — ...a procurar o "gracioso", para tirar feroz desforra. Não passou muito tempo e descobriu á frente de uma lata de lixo, collocada deante de uma janella. "Chegou a-hora!" — disse Haroldo.



8) — E apoderando-se da lata, levou-a até a esquina, sem que Archibaldo o percebesse. "E agora, mãos á obra" — pensou Haroldo, decidido. E atirou um nickel com tanto acerto que foi cair aos...



9) — ...pés do brincalhão. Os ouvidos deste perceberam immediatamente o tilintar metálico, que teve a propriedade de tirar-lhe o soco. Virando-se, deparou com a moeda, e sem perda de tempo...



10) — ...depois de olhar ao redor para ver si se encontrava sozinho com seu thesouro, tratou de apanhá-lo. "No meu bolso ha lugar para todas as moedas — murmurou. — Não ha duvida que a sorte..."



11) — ...está me protegendo". No entanto, estava enganado ao suppor tal cousa, erro que só depois verificou. Porque, no momento preciso em que se inclinava, a cozinheira decidiu esvaziar a lata...



12) — ...que continha uma porção de creme estragado. Os resultados foram desastrosos para Archibaldo, que coberto com a pegajosa massa começou a gritar. "Estou vingado!" — exclamou Haroldo, rindo.

Todos os nossos leitores devem traduzir as cartas enigmaticas da "GAZETINHA". Essas cartas divertem, instruem, esclarecem a intelligencia e tornam rapido o raciocinio.

Os trezentos e quarenta e seis maguinhos



O mago Pirulo tinha trezentos e quarenta e seis filhos, tão grandes como o dedo mindinho e tão espertos e barulhentos como grilos. Aquelles trezentos e quarenta e seis maguinhos eram muito revoltosos; brincavam o dia inteiro com os dragões e outros animais fabulosos e alguns delles, os mais briguentos, viviam pregando-lhes más peças aos seus irmãos.

O mago tinha muito que fazer para pensar em corrigir aquelles tremendos diabos. Fazia tempo que os filtros, alambiques e retortas jaziam ociosos e esquecidos num canto, onde as teias de aranha os haviam adornado com os mais extravagantes arabescos.

O mago, pois, não vivia mais que para attender ás necessidades de sua numerosa ninhada. De repente, eram meias o que fazia falta, ou as carapuças, ou mesmo os chapeuzinhos em fórma de cone... Felizmente, com um golpe da varinha mágica, os trezentos e quarenta e seis maguinhos se encontravam calçados e vestidos de novo.

Não obstante isso, o pae sentia-se felis rodeado de seus filhinhos, aos quaes instrua na difficil arte do encantamento.

— Olha! — dizia-lhes, tomando um punhado de terra. — Em que quereis que a transforme?

— Em caramellos! Em chocolate! Em biscoitos! — gritavam os mais gulosos.

— Em soldadinhos de chumbo! Em fusis! — gritavam os que tinham instinctos militares.

— Em livros! Em lapis! Em cadernos! — suggeriam os estudiosos.

— Não! — dizia Pirulo, sorrindo. — Transformal-o-ei num passaro com a cauda do lagarto e a cabeça de burrico!... Escuta!

E cantava:

"Oh terrinha
inha... inha...
Tú te deves transformar
num passaro-lagarto...
garto... garto...
com cabeça de burrico...
rico...rico..."

E eis que de repente apparecia no ar um estranho passaro que agitava a cauda e grasnava ruidosamente.

Os maguinhos, presos do maior alvoroço apossavam-se, então, em recolher punhados de terra, que por sua vez, graças á formula mágica, se transformavam em passaros.

O ar, immediatamente, se povoava de monstros que ensurdeciam com seus estranhos gritos e cujo bater de azas obscurecia o sól. Então, o mago ordenava:

— Agora chega!

Os diabinhos detinham-se e Pirulo, com um golpe de sua varinha mágica, convertia aquelles monstros em outros tantos torrões de assucar, que os trezentos e quarenta e seis maguinhos se apossavam em devorar com prazer.

A possibilidade de transformar em guloseimas as cousas más disparatadas era um pre-

vilégio cujo egeredo o mago guardava zelosamente. Muitas vezes seus filhinhos lhe haviam supplicado:

— Papá, ensina-nos a fazer marmelada!... Ou os chocolates ou os torrões de assucar...

Mas Pirulo fulminava-os com um terrível olhar:

— Não!... Vocês adoeceriam de indigestão e para curar a todos precisaria verdadeiro arrol de oleo de ricino!

Logo seu olhar se tornava mais suave e accrescentava:

— Tenham paciencia, sejam bons e ajudados e eu não terei nenhum inconveniente em ensinar a vocês os mais perigosos e complicados encantamentos.

Imaginem, pois, a alegria dos diabinhos quando um dia, o menor de todos elles, que era tão pequeno como um grãozinho de arroz, veiu saltando até onde se encontravam os outros, reunidos, e annunciou triumphalmente:

— Nosso pae se encontra occupado em preparar um elixir de larga vida e aproveitai para ler o livro dos segredos; de modo que vou fazer uma receita que me acaba de occorrer: transformarei em rocio uma nuvemzinha!... Ah! vae...

E cantou:

"Nuvemzinha, nuvemzinha...
Piripio, piripio,
deixa em forma de rocio!..."

E principiou a cahir fino chovisco; mas não era agua, precisamente: era uma especie de rocio que sabia a limão, a menta... Allí havia sabor para todos os gostos!

Os maguinhos abriram a bocca gulosamente, levantando suas cabecinhas para o céo, juntaram suas mãos a maneira de copo, usaram seus chapeuzinhos em ponta como vasos e deixaram que se empapassem bem, brincando nos charquinhos que aquelle rocio formava.

Mas, eis que de repente se levanta um vento gelado e os trezentos e quarenta e seis maguinhos, enchafurdados como se encontravam naquelle liquido assucarado, em menos de um instante ficaram solidificados como caramellos.

Naquelle momento preciso passava por allí o ogro Minogro, que se dirigia lentamente á casa de sua noiva, a ogressa Minogra.

Minogro gostava muito de comer carne crúa. Minogra, ao contrario, era vegetariana e um tanto gulosa.

Aquella guloseima espalhada por terra, suggeria immediatamente ao ogro — que era um avaro da peor especie — uma idéa muito peregrina.

— Farei um presente á minha noiva — exclamou.

E principiou a recolher do chão, sem deixar um só, aquillo que parecia caramellos. Envolveu-os num pedaço de papel e continuou seu caminho. Quando chegou á casa de sua noiva, com o mais amavel dos sorrisos offereceu-lhe o precioso presente. Minogra, nessa tarde, encontrava-se um tanto indispuesta, mas accellou, prazenteiramente, o presente.

— Comerei amanhã — disse. — Hoje não

me encontro boa de saúde; creio que a sôpa de álamos me fez mal...

Os trezentos e quarenta e seis maguinhos, que embora impossibilitados de mover-se, escutavam e tudo comprehendiam, respiraram ao ouvir aquellas palavras. Ainda tinham tempo para salvar-se!...

Pirulo, ao notar o desaparecimento delles, seguiria os rastros e, sem duvida, chegaria a tempo...

O vento gelado cessára e os ardentes raios do sól que calcinavam o caminho que Minogro seguira haviam feito derreter um pouco a petrificada envoltura que aprisionava os desobedientes, que principiaram a mover-se e a estirar seus membros. Alguns delles, não podendo conter-se por mais tempo, saltaram sobre a mesa.

— Como?... Sols de carne?... E de carne viva? Então eu vos comerei immediatamente! — gritou Minogro, apanhando um entre suas mãos.

Mas, nesse instante preciso a porta se abriu e o mago appareceu no humbral.

Entre Minogro e Pirulo a partida se apresentava difficil. Si ao ogro era impossivel devorar o mago, este ultimo tampouco podia ler-se de seus sortilegios para vencer o seu adversario. Fazia seculos que estes dois personagens eram acerrimos inimigos.

— Prometto dar-vos dez tenros jovens e gordos, si me devolveis essas cousinhas! — propoz o mago.

— Não! Prefiro devorar estes! — resmungou o ogro.

O mago empallideceu.

— Então tereis dez, cem, mil, dez mil creaturas tenras!

— Não, não... e não! — berrou o ogro.

E accrescentou, com ironia:

— Mas... Escuta: a que devo a honra de sua visita? Por que demonstras tanto interesse nessas bagatellas?

Pirulo ficou sem alento. Confessar ao ogro que aquillo eram seus trezentos e quarenta e seis filhinhos era expol-os a que fossem devorados mais depressa; fingir que aquelles seres eram o producto de um filtro no qual elle tinha summo interesse, significava provocar um desejo de vingança por parte de Minogro, o qual sempre responderia negativamente; além disso, implorar a restituição de seus filhos com palavras commovedoras parecia-lhe pouco digno, de modo que não havia nem a mais remota probabilidade de victoria. E Pirulo não teve, pois, outro remedio que se transformar em mar e converter os maguinhos em grãozinhos de areia, deixando Minogro e sua noiva com um nariz deste tamanho.

Os maguinhos precipitaram-se dispersos na enorme quantidade de areia que formava o fundo do Oceano.

Pirulo, voltando novamente á sua fórma primitiva de mago, pronunciou o conjuro ritual:

"Piripirar, piripirim,
voltem até mim,
os maguinhos dispersos no mar...
Piripirar, piripirim..."

A estas palavras, muitos grãozinhos de areia surgiram das aguas, agruparam-se ao redor de Pirulo e converteram-se em maguinhos. Mas alguns que haviam cahido muito longe, não ouviram o chamado e, portanto, não se deixaram ver. Pirulo contou-os ansiosamente; não havia mais que trezentos e trinta e nove: faltavam sete! Os mais traveasos, precisamente aquelles que Pirulo mais apreciava...

Como conseguir juntar os sete diabinhos dispersos na immensa profundidade do Oceano?

Então, Pirulo chamou e reuniu a todos os gnomos do mar e lhes disse:

— Si vocês me ajudarem a encontrar meus sete maguinhos, darei a cada um uma casinha de nácar com a porta de coral e as janellas de madreperolas...

Mas os gnomos do mar, que são muito perversos, afastaram-se do mago, fazendo piruetas e lançando pequenas gargalhadas malignas.

Pirulo foi, então, até o palacio das fadas.

— Oh, fadas! — pediu-lhes. — Ajudae-me a procurar meus sete maguinhos perdidos no fundo do Oceano e vos recompensarei a cada uma com um diadema de estrellas e um vestido de raios de sól!

— Não somos amigas do mar porque ruge e espanta — responderam as fadas, com sorriso ironico. — E quanto a diademas e vestidos, temos de sóbra...



ARCA DE NOÉ

IVANNY RIBEIRO EM... "PEQUENOPOLIS"

Da talentosa poetiza paulista Ivanny Ribeiro, uma das mais bellas revelações da "Arca", Papá Noé acaba de receber a seguinte carta:

"Papá Noé — Tendo visto na penultima "Gazetinha", na secção de "Pequenopolis", que dentre as poesias que compõem o repertorio da menina Margaridinha Kulmann se encontra uma com o nome de "Adulação" e da autoria de Wanderley, venho pedir a você que desvende este mysterio.

A poesia "Adulação", que se lê naquelle pagina, é minha. Você até poz nella dois versos a mais. Lembra-se? Peço a você, então, que rectifique o erro. De mais a mais, Wanderley não ia escrever uma coisa tão aquém de seus meritos de intellectual e de artista...

Obrigada pelo trabalho que vou lhe dar e obrigada ainda pelo nome que poz na minha poesia. Não poderia ser melhor e mais adequado.

Papá Noé — Creio que eu não posso escrever mais para a "Gazetinha". Os meus assumptos não são mais infantis. Sem querer, tomam outro rumo. Acha o Papá Noé que eu deva continuar, num pequeno esforço, com as minhas poesias de creanças?

Ivanny Ribeiro.

Ivanny, essa creaturinha que faz cousas maravilhosas na escola, aproveitando a ausencia de um lente, para escrever, em folhas arrancadas de um caderno de latim, os poemas encantadores que todos nós conhecemos, Ivanny tem toda razão.

A poesia "Adulação" foi realmente publicada por Papá Noé na "Arca" de 5 de outubro de 1933, e, por signal, merecidamente aureolada por estas palavras que, ainda agora, Papá Noé incondicionalmente subscrive:

Ivanny Ribeiro — Em tres annos, muita coisa aconteceu realmente; e muita coisa boa, e que é melhor... Por exemplo: a minha amiguinha evoluiu extraordinariamente na arte de fazer versos, notando-se ainda que essa evolução se deu rigorosamente dentro do espirito da verdadeira poesia, simples, natural, emotiva, como sempre ensinou Papá Noé.

ADULAÇÃO

(Ivanny Ribeiro).

Minha linda vovózinha
De cabeça tão branquinha!
Como eu gosto de você!...
Mas si alguém me perguntar
A causa do meu gostar...
Não sei dizer o por quê!

Você, vovó, sabe tanto!...
Você, vovó, é um encanto!
Uma fada! Uma rainha!
Vovó, você é mais linda
Do que a Dona Florinda,
Sabe?... A vovó da Clarinha!...

Você sorriu, vovózinha?
Você sorriu da netinha?
Mas que lindo é o riso seu!
Minha affeição, minha gloria,
Você quer contar a historia
Que hontem me prometteu!...

Fica, assim, perfeitamente esclarecido o engano: a poesia "Adulação" não pertence a Wanderley e sim a Ivanny Ribeiro. Quanto ao final de sua carta, que Ivanny continue a escrever "para as creanças", sem pôr resistencia, contudo, ás tendencias naturaes de sua arte, muito sua, e por isso mesmo sujeita a constante evolução.

S. PAULO

S. Paulo, terra formosa
E's uma pedra preciosa,
Guardada por bandeirantes,
E's joia de alto valor
Engastada com esplendor,
Em um pais de gigantes!...

Grandiosa é tua belleza,
Como é grandiosa a riqueza
Que teu vasto seio encerra
E's um torrão ideal,
Meu lindo berço natal,
E's terra da minha terra!...

Tua graça sempre impera
Quer te enfeite a primavera,
Quer a garça te vista
Deante de ti e dos teus,
Dou graças mil ao bom Deus
Que mez fez nascer paulista!...

Dadinha

Botãozinho de rosa

(A' Carmem Simões, em retribuição).

Orvalho! Muita gente me disse que você é a lagrima furtiva que as estrellas derramam tristemente, ao deixar o céu onde, até ha pouco, estavam silenciosas para dar entrada ao dia, á luz... á claridade offuscante deste sol bonito, que é como uma joia maravilhosa e rara, no côlo assetinado de uma dama bonita.

Muita gente me disse tambem que você é o pranto da noite escura, que cãe devagarinho, em gottinhas brilhantes, sobre as plantas mi-mosas, como pequenas contas resplandecentes e tremulas de um collar precioso de contas de luz, arrebatado, perdido pela terra.

Eu penso, porém, que você é uma chuvinha delicada que vem sorrindo, á noite, para enfeitar os jardins, para vestir as flores, deixando por onde passa gottinhas diminutas que ficam rebrilhando ao longe como "strass".

Veja como está encantador aquelle botão levemente orvalhado, cujo arema, delicioso como um sonho, parece penetrar em nosso sér, derramando dentro de nós um perfume exquisito de rosa...

Que bom seria si elle pudesse ficar eternamente assim, vagamente entreaberto... com suas petalas suaves de velludo, graciosamente curvadas, como si estivesse medroso deste mundo tão novo para elle, ou como si procurasse prolongar um pouco mais sua rapida existencia.

E este jardim... como está diferente, assim humedecido, como si cada folha, como si cada flor, houvesse, á noite, rido até chorar da timidez quasi ridicula deste botão de rosa ingenuo, que parece ter medo de se abrir... Deste botãozinho pretencioso, cujas petalas macias, de pureza admiravel, e cujas linhas fidalgas já causam inveja a muita rosa envelhecida...

Orvalho! Não sei por que... Eu penso, ás vezes, que o mundo é como este jardimzinho que, de longe, parece bonito, assim artisticamente coberto de flores... e comparo o botão pequenino com a alma de muita gente, cujo coraçãozinho, numa timidez quasi ridicula de botão ingenuo que se assusta com suas proprias idéas, espia re-celoso a vida, como si tivesse medo de se abrir...

FREIRINHA.

SUAVIDADE

Suavidade é primavera...
A primeira estação...
E' a idade da chimera
E da illusão...
Suavidade

E' a paragem encantada em que a
Felicidade
põe um marco final, mostrando ao coração
onde ella fenecceu e onde nasce a saudade...
Mesmo a palavra já nos diz: suavidade...
Augusto Ferreira

A BORBOLETA

Uma linda borboleta
Adejava em meu jardim,
Muito alegre e irrequieta,
Indo pousar num jasmim.

Esse inquieto insectozinho
Tinha as azas a brilhar.
Como um lindo brilhantinho
Deante da luz solar.

Querendo vei-a de perto
Desci depressa ao jardim.
Mas o insecto, que era esperto,
Voando, deixou o jasmim!
Hilda Ferreira da Silva

A HISTORIA DA VOVO'

(Em retribuição a Gladys, com meus agradecimentos)

"Mais linda que a luz do dia,
Entre bellas assucenas,
A princesinha dormia,
Vigiada por mil falenas".

Sempre, sempre, nesse ponto
Da historia, vovó parava.
Eu pedia: — o fim do conto!...
E o conto não terminava...

Assim, passaram-se os annos.
A vovó já não existe.
Por causa dos desenganos,
Minh'alma tornou-se triste.

Das illusões do passado
Uma commigo ficou:
Aquelle conto encantado
Que a vovó não terminou...
Dadinha.

Dadinha: o sonho bonito que você acalenta, está nas suas mãos realizand-o. Manejando o verso com naturalidade, com a clareza e com a simplicidade, doce e harmoniosa, que já agora caracterizam seu estylo, você está na obrigação de ir realizando o seu sonho bonito, enquanto o acalenta.

A par dessas características essenciaes da arte, — é tão difficil ser natural, claro e simples no verso! —, você é dona de uma "maneira", sobria e pura, bem pouco natural na sua idade, quando nem sempre se consegue realizar o milagre dos meles-tons:

"Das illusões do passado,
Uma commigo ficou:
Aquelle conto encantado
Que a vovó não terminou..."

Isto quanto ao verso; quanto á poesia, já se sabe que sua alma é toda uma poesia encantadora, toda harmonia e toda emoção, muito sua, muito da gente que, num jardim, olha a vida que passa, como uma "geisha", á beira do lago, na espera longa e silenciosa de que as petalas de um lotus se des-cerrem, por fim...

Você terá apenas que fazer o mesmo: o seu sonho bonito, — o seu livro — é uma flor a entreabrir-se; e, creiamos, o livro de você será bello e raro como as flores dos lotus que, de cem em cem annos, apparecem apenas uma vez...

SONORIDADES

(Ao nosso mestre Papá Noel).

Julgo ouvir a voz das trevas
Na luz do luar, tão triste,
Que nos tras uma illusão,
Quando a tarde vem chegando,
E roçando seus pesinhos
Dentro do meu coração...

E a tarde, assim, vem chegando
Cheia da luz do arrebol,
Entre alamedas agrestes,
Entre sombras dolorosas,
Chorando sob cyprestes,
Deixando um rai de sol...

Oh!... Quanta philosophia,
Nessa cantiga da vida...
Na noite fresca e prateada
Uma saudade fluctua
Nessa louca revoadada,
Nesse delirio da rua...
Adail P. Ribeiro,
(Lorena).

B. I. P. — São Sebastião — Na "Arca", como no céu, ha sempre um cantinho para o justo, para o estudioso, para o bom... Você, com toda certeza, estará num desses casos!

SEMANA SANTA

Uma mangedoura: eis seu nascimento; modesta officina de carpinteiro: eis sua vida; humildes pescadores: eis a sua

gente; blasphemias, escarneoas, corôa de espinhos: eis a sua vida; uma cruz: eis sua morte

E, no emtanto, numido, perseguido, trahido, quasi dois mil annos depois de sua morte ainda vive, clara e luminosa, em cerebros e coraçãoes, a imagem do meigo Nazareno. Não se apaga a chamma da fé que elle accendeu.

E, por isso, porque sua doutrina nos dá novo alento, é sempre sentida com nova dor a tragedia de sua morte.

A Semana Santa de todo o mundo, de todos os povos, prova que a crença que nos deu um santo como José de Anchieta, continua inabalavel.

Os que querem alardear uma intelligencia superior, os que se dizem fortes, deixaram-se ficar em casa.

Não deram ao bom Deus — de tantas semanas que o anno tem — uma unica que elle nos pede e com a qual se contenta

Acompanhando a procissão do Enterro, a mais concorrida de todas, comecei a pensar que essas intelligencias superiores, esses espiritos fortes, que se deixaram ficar em casa, que não quizeram tomar parte nessa piedosa romaria, teriam de se sentir abalados e commovidos, embora não o demonstrassem, ao ver que muitos alli não mediram distancias, viajando a pé, por más estradas, para render um culto de amor e respeito por Jesus Nosso Mestre e Nosso Guia...

Sagramor Scuvera.

ERA UMA VEZ...

Numa esplendida roseira,
Sempre linda e prazenteira,
Uma rosa abrejeirada
Vive toda perfumada.

E num canto do jardim,
Numa planta de jasmim,
Uma flor modesta espreita
Da roseira a flor eleita.

Não me olhes! — diz a rosa,
Toda graça, toda prosa;
Eu das flores sou rainha,
Tu bem sabes, oh! florzinha!

Curva a testa a branca flor
Respeitando sem se oppôr
Da orgulhosa a soberbia
Que alli expande noite e dia,

Mas o tempo que destróe
Que a tudo assola e corróa,
Na sua faina, o sandeu
As duas flores colheu.

E no chão rolou a rosa,
Toda triste e vergonhosa,
Bem juntinho da modesta
Branca flor que não protesta.

"— Minha graça terminou,
Minha prosa se acabou..."
Dis a rosa, tristemente,
Para a flor benevolente.

Dis então a branca flor
Com doçura e com calor:

"— Como tu ha muita gente
Que se julga omnipotente,
Que se julga superior
Ser aos outros de redor,
Mas o tempo, justiceiro,
Reduz tudo num cinzeiro..."
Carmem Cacé Musumeci

AROMA DO FUTURO

Lindas visões rodeiam-me e fadas encantadas e bemfazejas, vestidas da luz do sol, apparecem em meus sonhos, e, com as suas varinhas magicas, rasgam o véo mysterioso do caminho da felicidade...

Conduzir-me-ão para esse recanto florido, onde existem bosques povoados de ninhos cheios de canções, e onde as petalas macias e avelludadas das mais originaes flores tapetam o solo, feito de areia branca e fina?...

Afastar-me-ão das vias abrolhosas da vida, taes como os rochedos malignos e tentadores que existem occultos no seio dos mares, onde não ha siquer um pharol e tão pouco algo que possa orientar os marinheiros perdidos?...

Na leve brisa que passa, balouçando as verdes folhagens, e no incessante murmurio das vagas, ouço palavras de carinho e de amor...

Palavras de consolo e esperança, semelhantes aos mais puros afagos maternos... Palavras de amor, desse amor santo, fiel e irrecusavel, que nenhum gesto ou palavra poderá macular: é amor de minha mãe...

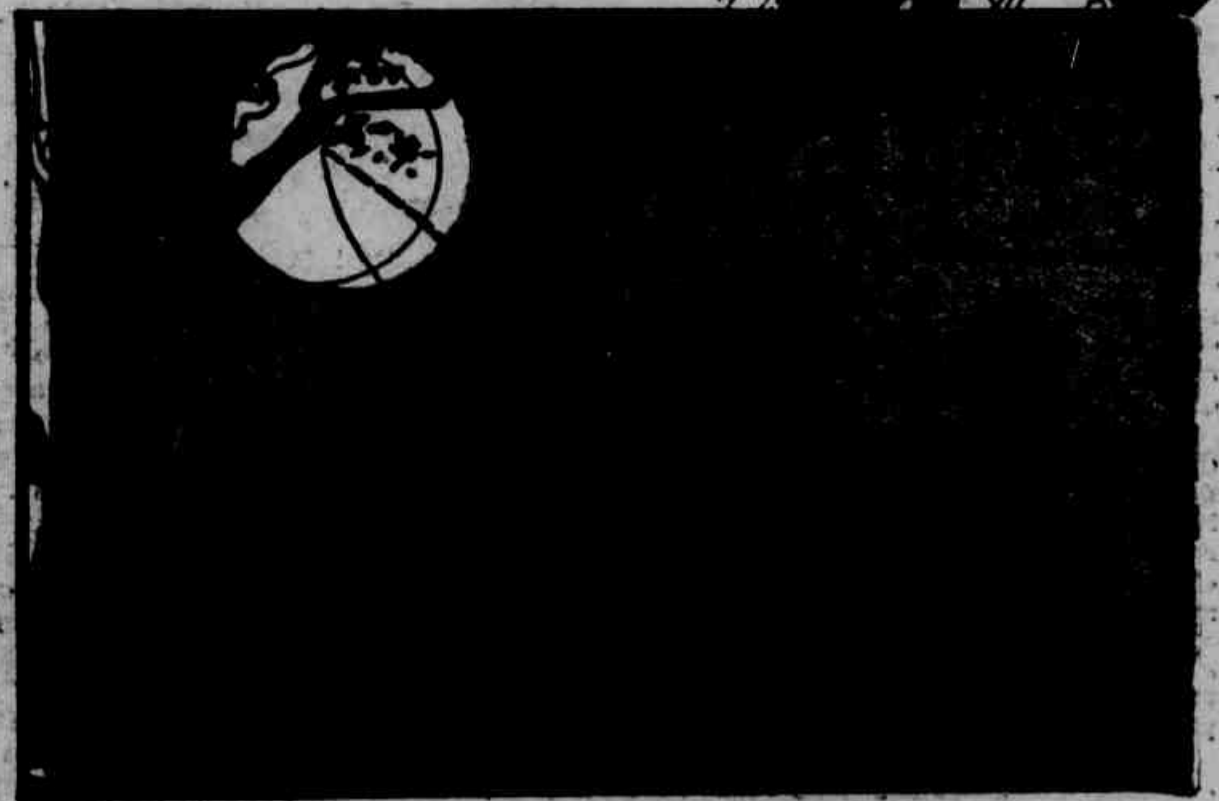
Dolores Sayago.

DESENHOS DE MESSIAS
VERSOS DE PAPA' NOÉ

A pesca maravilhosa



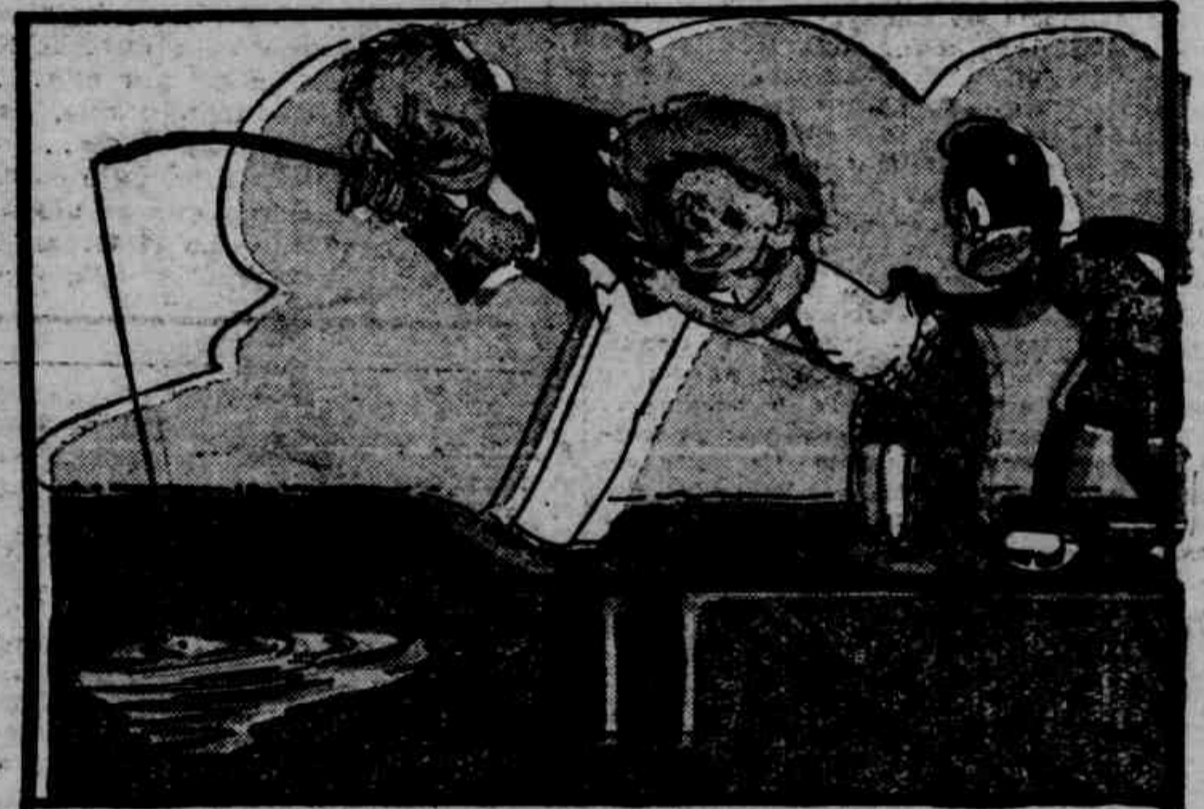
DEPOIS DE GUERRAS TREMENDAS
EM QUE VIVERA A LUCTAR,
A VELHA ESPADA JAZIA
NO "PENHOR", A DESCANÇAR.
AS DEMAIS, TODAS, DEVIAM
VIVER NO MESMO LOGAR...



MÁS PÃO DURO, INTELLIGENTE,
DO "BELCHIOR" A ADQUIRIU.
E' QUE NOVA UTILIDADE
NA BAINHA DESCOBRIU!
E QUANDO CHEGOU A NOITE
PARA O TIETE' SEGUIU.



— QUE PESCA MARAVILHOSA
NÓS VAMOS FAZER AQUI!
OS PEIXINHOS VÃO ENTRANDO
E É SÓ TIRAL-OS, TITI!
INTELLIGENCIA MAIS BELLA
CONFESSO QUE NUNCA VI!



E LOGO A VELHA BAINHA
FOI POSTA NAGUA. AFINAL,
UM FORTE PUXÃO NA LINHA
FEZ TREMER O PESSOAL.
O TUTU' VIU' DESDE LOGO.
QUE AQUILLO ACABAVA MAL...



E NISTO SURGE A' FLOR D'AGUA
UM PEIXE DESCOMMUNAL!
PÃO DURO SEGURA A VARA,
GEME, FAZ FORÇA... MAS, QUAL!
O PEIXE AO VER O PÃO DURO
QUIZ DAR-LHE UM BANHO FATAL!



MÁS, A VERDADE É QUE O PEIXE
ERA UM "ESPADA" VALENTÃO
E AO VER AQUELLA BAINHA
VIU CHEGADA A OCCASIAO
DE EMFIM TER UMA BAINHA
PARA GUARDAR O ESPIGAOI